



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A DINÂMICA CULTURAL DOS DESFILES DA UNIDOS DE VILA ISABEL COMO
ESPETÁCULO MIDIÁTICO**

Daniel Walassy Rocha da Silva

RIO DE JANEIRO/RJ

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A DINÂMICA CULTURAL DOS DESFILES DA UNIDOS DE VILA ISABEL COMO
ESPETÁCULO MIDIÁTICO**

Daniel Walassy Rocha da Silva

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilana Strozenberg

RIO DE JANEIRO/RJ

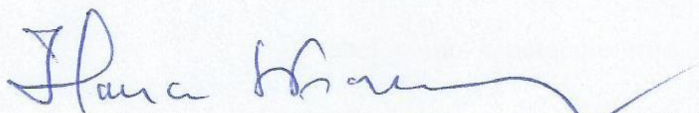
2016

**A DINÂMICA CULTURAL DOS DESFILES DA UNIDOS DE VILA ISABEL COMO
ESPETÁCULO MIDIÁTICO**

Daniel Walassy Rocha da Silva

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

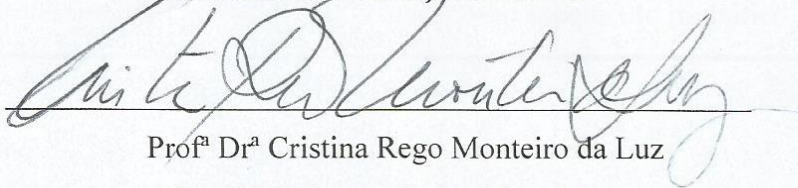
Aprovado por



Profª Drª Ilana Strozenberg – orientadora
Escola de Comunicação da UFRJ



Profª Drª Mônica Machado Cardoso
Escola de Comunicação da UFRJ



Profª Drª Cristina Rego Monteiro da Luz
Escola de Comunicação da UFRJ

Aprovado em: 28/7/2016

Grau: 20,0 (DE2)

RIO DE JANEIRO/RJ

2016

SILVA, Daniel Walassy Rocha da.

A dinâmica cultural dos desfiles da Unidos de Vila Isabel como espetáculo midiático/
Daniel Walassy Rocha da Silva – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

90 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Ilana Strozenberg

1. Cultura Popular
2. Meios de Comunicação
3. Unidos de Vila Isabel
- I. STROZENBERG, Ilana (orientadora)
- II. ECO/UFRJ
- III. Radialismo
- IV. A dinâmica cultural dos desfiles da Unidos de Vila Isabel como espetáculo midiático

À minha mãe Vânia e avó Francisca (Xica) por serem símbolos de garra e fé maranhenses, alegria carioca e coração vila isabelense. E aos 70 anos do celeste G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Jeová Deus por ter me ouvido e vigiado em todos os anos de minha vida e de meus estudos! Por ter me ajudado a conquistar os sonhos e objetivos que se tornaram alcançáveis. E à Senhora Mãe da Conceição por ter intercedido por mim!

Agradeço também, em especial, a toda minha família (representada nas figuras de minha mãe Vânia, minha avó materna Xica, meus tios maternos Dada e Júnior, minha irmã Daniele, entre outros) que sempre acreditou em mim e que me deu a maior força quando descobrimos que eu havia passado para fazer graduação na UFRJ. E que por mais que tenham aparecido vários obstáculos financeiros ou de distância nesses últimos quatro anos, nunca me deixaram só. Sempre me revigoraram com palavras, atitudes e acima de tudo fé. Este trabalho é dedicado a vocês!

Meu sincero obrigado a toda família de minha tia Dagmária e seu Anáilton, que eu não conhecia até chegar ao Rio de Janeiro, mas que me trataram muito bem sempre, fortalecendo um laço familiar distante que se tornou próximo!

Agradeço também aos amigos de longa data que estão no Maranhão e aos que conquistei nesses anos morando aqui no Rio, sejam eles meus vizinhos, de universidade, de tempos de escola, de infância... Meu muito obrigado por terem me convidado diversas vezes para visitá-los em suas casas e ser bem recepcionado, pelas ligações, pelas doações! Demonstrando, assim, gestos generosos de gratidão, apoio e preocupação.

Meus agradecimentos também vão para todo o corpo docente da ECO-UFRJ, representado aqui pela banca formada por minha orientadora Ilana Strozenberg – que pacientemente sempre esteve empenhada em me deixar voar com segurança em cima do tema deste trabalho – e pelas examinadoras Mônica Machado Cardoso e Cristina Rego Monteiro que aceitaram de prontidão o convite! E a todos os professores de Radialismo que me ensinaram muitas noções de audiovisual cinematográfico, além das radiofônicas e televisivas – linguagens com as quais sempre me identifiquei.

Meu obrigado também às primas Leila (Nininha) e Leilane por terem se empenhado em conseguir contatos de pessoas envolvidas com a escola de samba Unidos de Vila Isabel e aos entrevistados: mestre Amadeu Amaral (Mug) e ex-presidente Luciano Ferreira.

Sempre acreditei que para crescermos na vida, não basta nos empenharmos sozinhos, mas sempre com fé e com a ajuda de familiares e amigos. Este trabalho é fruto dessa relação conjunta. Fui, sou e serei alguém graças a todos vocês!

*A grande paixão
Que foi inspiração
Do poeta é o enredo
Que emociona a velha-guarda
Lá na comissão de frente
Como a diretoria
Glória a quem trabalha o ano inteiro
Em mutirão
São escultores, são pintores, bordadeiras,
São carpinteiros, vidraceiros, costureiras,
Figurinista, desenhista e artesão
Gente empenhada em construir a ilusão
E que tem sonhos
Como a velha baiana*

*Que foi passista,
Brincou em ala
Dizem que foi
O grande amor de um mestre-sala*

*O sambista é um artista
E o nosso Tom é o diretor de harmonia
Os foliões são embalados pelo pessoal da bateria
Sonhos de rei, de pirata e jardineira
Pra tudo se acabar na quarta-feira
Mas a quaresma lá no morro é colorida
Com fantasias já usadas na avenida
Que são cortinas, que são bandeiras
Razão pra vida tão real da quarta-feira*

(Martinho da Vila – "Pra tudo se acabar na quarta-feira", samba-enredo da Unidos de Vila Isabel em 1984)

SILVA, Daniel Walassy Rocha da. **A dinâmica cultural da Unidos de Vila Isabel como espetáculo midiático**. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 90 f.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo levantar, compreender e analisar as principais mudanças ocorridas nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 2010 - com foco específico na Unidos de Vila Isabel. Nesse sentido, a pesquisa investiga as relações das escolas de samba com diversas instituições da sociedade abrangente, especialmente com os meios de comunicação de massa, visando compreender seu papel na dinâmica cultural que resultou na transformação de uma expressão da cultura popular em espetáculo midiático. Para elaboração do contexto histórico das escolas de samba e, especificamente, da agremiação do bairro de Vila Isabel e análise de sua relação com a mídia, o trabalho utilizou duas metodologias complementares: levantamento bibliográfico e documental - livros, trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas (impressas e digitais); pesquisa de campo, através da observação participante e entrevistas com alguns integrantes dessa escola, selecionados pelo seu conhecimento do tema. A partir daí são analisados materiais audiovisuais televisivos de três desfiles importantes na história da Unidos de Vila Isabel: "Sonho de um Sonho" (1980), "Kizomba" (1988) e "A Vila canta o Brasil celeiro do Mundo" (2013).

Palavras –chave: Cultura Popular; Meios de Comunicação; Unidos de Vila Isabel.

SILVA, Daniel Walassy Rocha da. **A dinâmica cultural da Unidos de Vila Isabel como espetáculo midiático**. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 90 f.

ABSTRACT

The objective of this work is to raise, comprehend and analyze the principal changes that occurred on samba schools parades in Rio de Janeiro between the decades of 1920 and 2010 – focusing specifically on Unidos de Vila Isabel. In that sense, the research investigates the samba schools relationship with several institutions of civil society, specially with mass media companies, aiming to comprehend its role in the cultural dynamics that has ended up in the conversion of a popular culture expression into a media show. For the elaboration of the historical context of samba schools and specifically the Vila Isabel neighborhood association and the analysis of its relationship with media, this work used two complementary methodologies: bibliographic and documental survey – books, academic papers, newspaper articles (print and digital); field research, through participant observation and interviews with some members of this school, selected by their knowledge about the theme. From there, television audio-visual materials of three important parades for the history of Unidos de Vila Isabel are analyzed: “Dream of a Dream” (1980), “Kizomba” (1988) e “The Vila sings Brazil barn of the World” (2013).

Keywords: Popular Culture; Mass media; Unidos de Vila Isabel.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2. OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA: CULTURA POPULAR E/OU ESPETÁCULO MUDIÁTICO? | 16 |
| 2.1 DA RAIZ NO SAMBA AOS DESFILES NA MARQUÊS..... | 16 |
| 2.2 TRANSMISSÕES NA TV, SAMBÓDROMO E LIESA..... | 22 |
| 2.3 ERA DOS PATROCÍNIOS, CIDADE DO SAMBA E PAULO BARROS..... | 26 |
| 3. UNIDOS DE VILA ISABEL - HISTÓRIAS, TRADIÇÕES E GLÓRIAS..... | 33 |
| 3.1 FUNDAÇÃO E CRESCIMENTO | 33 |
| 3.2 ANOS 80 - CONSOLIDAÇÃO ENTRE AS GRANDES..... | 36 |
| 3.3 ANOS 90 E INÍCIO DE 2000 - DIFICULDADES E REBAIXAMENTO..... | 41 |
| 3.4 "A VILA TAMBÉM SE MODIFICOU NO UNIVERSO DO CARNAVAL" – A ERA VIEIRA ALVES..... | 45 |
| 4. UMA TRADIÇÃO EM MOVIMENTO – OS DESFILES DA UNIDOS DE VILA ISABEL EM 3 ATOS..... | 57 |
| 4.1 SONHO DE UM SONHO (1980)..... | 57 |
| 4.2 KIZOMBA, FESTA DA RAÇA (1988)..... | 59 |
| 4.3 A VILA CANTA O BRASIL CELEIRO DO MUNDO - ÁGUA NO FEIJÃO QUE CHEGOU MAIS UM (2013)..... | 65 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 72 |
| 6. ANEXO I – FICHAS TÉCNICAS..... | 76 |
| 7. APÊNDICE I - AMADEU AMARAL..... | 78 |
| 8. APÊNDICE II – LUCIANO FERREIRA..... | 82 |
| 9. REFERÊNCIAS..... | 86 |

1 INTRODUÇÃO

O mundo do carnaval começou a chamar minha atenção quando tinha apenas 10 de idade. Era o ano de 2004, cheio de reedições de sambas antigos. Lembro vagamente que meu avô materno escutava o CD das escolas de samba quase todos os dias no período pré-carnavalesco. Eu ficava intrigado com toda essa dedicação de ouvir as mesmas músicas sem se cansar. Ali foi meu primeiro contato com o samba-enredo, que acabou gerando uma curiosidade em assistir aos desfiles. Lembro também das vinhetas na TV que aumentavam ainda mais minha ansiedade em ver aquilo com maior atenção.

Devido à minha idade e ao fato de estar acostumado a dormir cedo, os primeiros anos de interesse para assistir aos desfiles sempre foram muito penosos. Lembro que em 2004 assisti apenas aos desfiles da Mangueira, com enredo sobre Minas Gerais, e Caprichosos de Pilares, fazendo uma homenagem a Xuxa Meneghel. Acabei nutrindo uma simpatia por essas duas escolas e dizia que iria ser torcedor da verde-e-rosa.

Porém, em 2005, sobe uma escola azul-e-branco muito simpática do grupo de acesso, chamada Unidos de Vila Isabel. Meu avô mais uma vez escutava exaustivamente todos os sambas-enredos do CD daquele ano, colocando o samba da Vila no *repeat* de quase uma hora. Aprendi a maioria dos sambas de 2005, porém o da Vila Isabel havia me conquistado. Eu, minha irmã e meus amigos vizinhos gostávamos de cantar os versos *Olokum/ Abre os caminhos do mar/ Pra minha Vila Passar...* Consegui assistir ao desfile da Vila Isabel, em sua volta ao grupo especial, e me apaixonei. A paixão ficou maior ainda quando minha mãe explicou que aquela era a escola da nossa família devido às relações fortes com nossa história.

Descobri que meus avós maternos saíram do Maranhão a caminho do Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades e condições melhores na década de 1960. Ao chegar em terras cariocas, enfrentando as dificuldades da vida, conseguiram um local no morro dos Macacos, em Vila Isabel. Lá fizeram vários amigos, compadres e comadres, e tiveram seus quatro filhos, incluindo minha mãe, que cresceram e foram criados nos redutos do bairro de Noel Rosa. Todos da família acabaram criando algum tipo de vínculo e torcida pela Unidos de Vila Isabel por frequentarem seus ensaios e festas. Nos anos de 1980, meus avós maternos resolveram voltar ao Maranhão com seus quatro filhos, levando consigo o amor pelo azul celeste e branco no coração. Ao saber de toda essa história, fiquei fascinado e resolvi "virar a folha" torcendo pela Vila Isabel também.

Em 2006, a escola trouxe um samba que quase fez meu avô furar o CD de tanto repetir. *Para bailar la bamba* deixou toda nossa família muito animada e com grandes expectativas para o carnaval da Unidos de Vila Isabel. Foi um período carnavalesco muito proveitoso para mim, pois foi a primeira vez que aprendi os sambas-enredos de todas as escolas do grupo especial. Foi o ano em que me tornei fanático pelos desfiles das escolas de samba. Assisti a maioria deles, fazia revistinhas, brincava de desfile em casa sozinho fazendo a maior bagunça, dei notas para cada escola, etc. Por feliz coincidência, também foi o ano em que a Vila Isabel conquistou seu segundo título depois de 18 anos de *Kizomba*. Até hoje lembro das palavras de minha mãe durante a madrugada assistindo ao desfile da Vila: "Nunca vi minha escola tão luxuosa e bonita desse jeito! Acho que nesse ano seremos campeões!" Dito e certo. E na quarta de cinzas me acabei de pular e gritar com vovó em casa. Assim nasceu meu amor pela escola, pelo carnaval carioca.

Passaram-se os anos e continuei acompanhando com muito afinho os desfiles e as escolas de samba. Também cresci nutrindo um interesse pela linguagem televisiva e pelas manifestações folclóricas ou de cultura popular. Até que, na metade do ensino médio, decidi largar o objetivo de seguir carreira na engenharia elétrica para ser comunicólogo. No primeiro semestre de 2012, passei para Comunicação Social - Rádio e TV na UFMA e nas primeiras aulas aprendi que existe uma teoria brasileira de Luiz Beltrão, chamada *folkcomunicação*, que tem como objeto de estudo as manifestações culturais populares, sendo espaços de divulgação de ideais e informações oriundas das periferias das grandes cidades ou de zonas rurais. Esse aprendizado passou a me intrigar e perceber que eu poderia fazer uma pesquisa, ao final do curso, que relacionasse comunicação e cultura popular.

Em setembro do mesmo ano, matriculei-me na UFRJ onde foram apresentadas correntes teóricas - sociológicas, antropológicas e dos estudos culturais - que chamaram minha atenção. Tudo isso despertou ainda mais meu interesse pelas temáticas e confirmou que realmente existe uma relação entre os meios de comunicação e expressões da cultura popular. A partir de então, fui amadurecendo a ideia e percebendo como os desfiles das escolas de samba se modificaram ao longo dos anos, principalmente depois da entrada dos meios massivos, especialmente as transmissões televisivas.

O objetivo central deste trabalho é levantar, compreender e analisar as principais mudanças ocorridas nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 2010. E a partir disso, a hipótese defendida é que as relações dessas escolas com diversas instituições da sociedade abrangente, como poder público, empresas privadas e

especialmente os meios de comunicação de massa, contribuíram à dinâmica de transformação de uma manifestação da cultura popular em espetáculo midiático. O objeto de estudo específico deste trabalho é o caso de uma agremiação da zona norte do Rio de Janeiro, Unidos de Vila Isabel, fundada em 1946.

Metodologicamente, ao contextualizar a história das escolas de samba e da agremiação do bairro de Vila Isabel e analisar sua relação com a mídia, o trabalho segue dois caminhos que se complementam. Um deles é o levantamento bibliográfico e documental, em que vários dados foram encontrados em livros, trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas (impressas e digitais). Já o outro é pesquisa de campo, através da observação participante e entrevistas com alguns integrantes da escola. O critério de seleção dos entrevistados partiu de suas funções de destaque e conhecimentos adquiridos por eles em vários anos de vivência na agremiação. Por isso, os selecionados foram mestre Amadeu Amaral (Mug), que comandou a bateria da Vila Isabel entre 1988 e 2009, baluarte com quase 40 anos de Vila e Luciano Ferreira, presidente entre os anos de 2015 e 2016, que tem quase 20 anos de experiência na escola.

No segundo capítulo deste trabalho, há uma linha histórica dos desfiles das escolas de samba e as principais mudanças por quais passaram com uma abordagem antropológica para entender como eles surgiram, qual o contexto de realização do carnaval brasileiro e as principais variáveis que compõem a relação entre escolas de samba e outros grupos ou instituições sociais, não esquecendo da participação dos meios de comunicação de massa nessa dinâmica dos desfiles. Para isso, foram utilizadas as visões de Roberto DaMatta em *Carnavais, malandros e Heróis*, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti em *Carnaval Carioca: dos bastidores aos desfiles* e Inês Valença em *O Espetáculo da Tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural*. Complementando essa base, existem citações a Stuart Hall em *Notas sobre a desconstrução do "popular"*, Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* e Roberto Moura em *No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes*.

Ainda no segundo capítulo, são destacados os grandes blocos por décadas e por grau de importância para as mudanças, como surgimento do samba e ida às ruas, a entrada dos meios de comunicação e oficialização das agremiações, a figura do carnavalesco e o carnaval moderno, as primeiras transmissões televisivas, o mecenato da folia e sua relação com o jogo do bicho, a construção do sambódromo e fundação da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, o advento dos enredos patrocinados, a construção da Cidade do Samba e a entrada do estilo Paulo Barros no grupo especial.

No terceiro capítulo, o trabalho tende a estreitar seu campo de pesquisa ao trazer a história da Unidos de Vila Isabel e as mudanças pelas quais ela passou de acordo com seus desfiles e principais acontecimentos, demonstrando como alguns meios de comunicação e os próprios membros da escola viram ou veem essa dinâmica. Foi a parte do trabalho que exigiu maior esforço, leitura e pesquisa, pois existem ainda poucos materiais acadêmicos e literários que dão destaque à história da escola do bairro de Noel Rosa. A busca por contatos e, principalmente, a realização de entrevistas também foram trabalhosas. Alguns textos, artigos e matérias jornalísticas, encontrados no acervo digital do Jornal *O Globo* e nos sites O Dia Online, SRZD¹, Galeria do Samba e oficial da Unidos de Vila Isabel sobre os fatos importantes da escola também são utilizados.

O terceiro capítulo traz à luz alguns pensamentos e registros de Eduardo Silva em *Azul celeste em vermelho: o projeto carnavalesco de Martinho e Ruça na Unidos de Vila Isabel entre 1988 e 1990*, informações de Fábio Fabato e outros autores em *As Titias da Folia: o brilho maduro de escolas de samba de alta idade*, além dos registros dos bastidores de carnavais mais recentes da escola de Alex Varela em *Arriba Vila! Forte e Unida: Era Vieira Alves (2005-2014)*.

Nesse capítulo, há a divisão da história da agremiação analisada em quatro fases. "Fundação e Crescimento" - quando seu China registra a escola com apoio da comunidade e ela cresce no cenário carnavalesco com a chegada de Martinho da Vila e a realização de carnavais que rompem o Top 4 da época. "Consolidação entre as Grandes" - quando a escola consegue realizar carnavais bem avaliados durante a década de 1980 e conquista seu primeiro título. "Dificuldades e Rebaixamento" - período em que a Vila Isabel amarga classificações ruins, diminuindo o *peso* de sua bandeira e culminando no rebaixamento. E, por último, "A Era Vieira Alves" que foi o período mais recente e glorioso da escola.

O quarto capítulo do trabalho é dedicado à análise de três desfiles importantes para a Unidos de Vila Isabel: "Sonho de um Sonho" (1980); "Kizomba, Festa da Raça" (1988); e "A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo - água no feijão que chegou mais um". A análise se restringe a descrever como os elementos visuais ou de canto e dança se modificaram, adaptando os desfiles às mudanças de formato das transmissões televisivas e como estas também construíram sua linguagem ao longo dos anos. Para realizá-la, foi necessária uma pesquisa de arquivos audiovisuais desses desfiles. Existem pouquíssimos registros televisivos

¹ Portal de notícias na internet, iniciado em 2006, do jornalista Sidney Rezende que contém um site especial sobre informações e conteúdos do mundo dos desfiles e das escolas de samba no carnaval brasileiro.

de 1980, porém os outros dois anos (1988 e 2013) foram facilmente encontrados durante a pesquisa.

Matérias jornalísticas da época, pelo jornal O Globo, também são citadas para ilustrar melhor a visão dos meios de comunicação diante os desfiles da Vila Isabel em cada ano. Vale ressaltar que a escolha pelo jornal O Globo e pelas transmissões televisivas da Rede Globo se deu a partir da importância desse grupo de comunicação para a história dos desfiles, na qual está presente desde 1933 ou como organizador, ou patrocinador, ou apoiador, ou divulgador e premiado do Estandarte de Ouro – prêmio de maior prestígio no carnaval carioca.

Portanto, é assim que este trabalho pretende buscar entender o jogo de relações das escolas de samba com os mais diversos segmentos, grupos e instituições sociais do Brasil, contribuindo para que sua dinâmica cultural seja cada vez mais intensa e de acordo com as significativas mudanças construídas juntas com a participação, principalmente, dos meios de comunicação de massa.

2 OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA: CULTURA POPULAR E/OU ESPETÁCULO MIDIÁTICO?

2.1 DA RAIZ NO SAMBA AOS DESFILES NA MARQUÊS

Nos primeiros anos do século XX, a cidade do Rio de Janeiro se via dominada por uma nova expressão, nascida nos terreiros, que sacudia os corpos negros e mestiços dos moradores menos favorecidos das periferias da cidade. Era o samba. Um gênero musical novo de status inicial marginalizado, mas que resistiu às inúmeras batidas de polícia e denúncias ocupando rapidamente outros espaços urbanos na capital do Brasil de recente período republicano e pós-abolição.

O principal lugar das realizações das primeiras rodas de samba que aconteciam nas proximidades da Praça Onze, era a casa de Tia Ciata - mãe-de-santo baiana e quituteira – que promovia encontros entre amigos, vizinhos e frequentadores de candomblé no seu terreiro ou quintal. Assim, o samba inocentemente já nasceu conseguindo juntar pessoas de diferentes classes ou grupos sociais em um ambiente com ar familiar, cheio de comidas, bebidas e brincadeiras.

Foi nessa região "reterritorializada" do Rio de Janeiro, área periférica habitada por excluídos, ex-escravos, judeus de várias partes do mundo, enfim toda sorte de pessoas que não participava da vida social da nossa capital, que o samba emergiu. (MOURA, 2004, p. 58)

A casa de Tia Ciata se tornou um pequeno núcleo de resistência da cultura afro-brasileira dentro do Rio de Janeiro. A quituteira baiana conseguia proteger as reuniões religiosas e/ou festivas da polícia graças à sua capacidade de articulação com as autoridades e relação próxima com as mesmas que acabavam permitindo a realização desses encontros. Intelectuais, pessoas de classe média, curiosos e moradores das proximidades passaram a frequentar cada vez mais as rodas de samba e a conhecer um tipo de batuque diferenciado que tanto mexia com as pessoas. "Em outras palavras: os negros amigos da Tia Ciata foram a uma festa e inventaram a mais ecumênica das manifestações culturais do país, aquela que é capaz de congrega raças, gerações, classes sociais numa dimensão mística e divinatória". (MOURA, 2004, p. 63)

O samba e a Casa de Tia Ciata podem ser vistos como elemento e espaço de *cultura popular*, respectivamente, porque nasceram das camadas menos privilegiadas ou

marginalizadas - antigos escravos e seus descendentes - e que aos poucos foram integradas na cultura brasileira mais abrangente. Para Hall (2013), o termo *popular* considera todas e quaisquer atividades, independentes de época ou forma, cujas raízes se situam em condições sociais e materiais de classes específicas e cujas expressões diferem das tradições e práticas da cultura dominante em uma sociedade.

A partir disso, o autor inglês defende que não existe cultura popular íntegra, autêntica e autônoma fora do campo de força das relações de poder e dominação culturais. Ou seja, a cultura popular é um espaço de dialética da luta cultural entre os elementos e expressões mais marginalizados versus as formas dominantes. Portanto, podemos inferir que a Casa de Tia Ciata - onde aconteciam as rodas de samba, congregando pessoas de diferentes classes e grupos que eram apreciadores de um estilo estigmatizado em seu início - era o local de luta, negociação, acordos e desacordos entre os blocos de poder e as forças populares. Enquadrando-se, assim, no conceito que Hall (2013) define como cultura popular.

Rapidamente o samba conquistou cada vez mais agregados e simpatizantes, espalhando-se por outras periferias do Rio de Janeiro e ocupando também as ruas com as fundações das primeiras escolas de samba a partir de alguns blocos já consolidados nas regiões suburbanas. Segundo Cavalcanti (1994), no final da década de 1920, três das pioneiras e principais escolas de samba foram fundadas: a *Deixa Falar*, do bairro do Estácio, foi primeira a partir dos laços construídos em torno de Tia Ciata; já Cartola e seus companheiros fundiram os blocos do morro da Mangueira e criaram a *Estação Primeira*; e Paulo da Portela junto com Antônio Rufino fundaram o bloco *Pioneiros de Oswaldo Cruz* que originou a escola *Vai como Pode* em 1932, conhecida atualmente como *Portela*. Ou seja, os blocos foram importantes núcleos embrionários para o surgimento das escolas de samba no espaço urbano da então capital federal.

Diferentemente dos blocos – que contêm características mais ligadas aos modos simples de manifestação carnavalesca² e restritas aos seus bairros de origem -, as escolas de samba inauguraram um novo momento social na cidade do Rio de Janeiro ao ampliar os horizontes e a capacidade de congregar pessoas de forma muito mais organizada. Elas institucionalizaram o gênero samba, conquistando um público cada vez mais amplo e diversificado. DaMatta (1981) afirma que as escolas promovem uma "sistemática integração"

² De acordo com DaMatta (1981), os blocos podem ser enquadrados dentro dos modos simples de manifestação carnavalesca, pois são mais compactos, binários (formados por duas alas: bateria e brincantes), livres e particularistas (voltados para a tradição e para o bairro).

das diferentes classes ou grupos sociais distantes de suas sedes e moradores situados nos morros e favelas.

As primeiras escolas de samba do Rio de Janeiro começaram a se agrupar para realizar desfiles na Praça Onze durante os dias de carnaval. A ida às ruas lhes trouxe maiores visibilidade e tolerância das autoridades policiais e da sociedade carioca, permitindo que os meios de comunicação ou a grande imprensa começassem a cobrir timidamente os desfiles, que aos poucos foram se tornando um evento social de relevância para cidade.

Essa rápida ascensão do samba num intervalo de tempo menor que duas décadas - desde o registro oficial de sua primeira composição em 1917 com *Pelo Telefone* até o primeiro desfile das escolas de samba em 1932 - pode nos levar a uma reflexão sobre como esse gênero musical saiu da *casa* e ganhou a *rua*. Para DaMatta (1981), o universo da rua é compreendido pelo engano e malandragem, pelos imprevistos, acidentes e paixões do mundo, é o lugar de disputa de todos contra todos até que surja hierarquização; enquanto que a casa é um ambiente de significação contrária - controlado, harmônico, bem dividido e com regras. O autor descreve esses conceitos ao mesmo tempo em que defende que a sociedade brasileira pode ser compreendida através dessa dicotomia entre casa/rua.

O samba, como um gênero musical de origem brasileira e que revela as nuances da sociedade, é uma consequência disso. Ao surgir no quintal de Tia Ciata, ele ganhou características resultantes da relação próxima entre os membros e frequentadores de roda muito íntimos da dona da casa. Segundo Moura (2004), a roda de samba, por mais que contenha um ar familiar de intensa interação, com muita comida e bebida, também coloca regras rígidas e de difícil codificação para aqueles que são novos frequentadores. Ou seja, só os mais antigos ou íntimos dos integrantes da roda têm permissão de fazer um improviso e se integrar aos batuques ou composições espontâneas.

Quando o samba começou a ganhar as ruas com a formação das escolas, houve uma flexibilização das regras, permitindo que pessoas de muitos outros lugares e diferentes classes fossem integradas mais facilmente ao ambiente dos sambistas. Existiu e ainda existe um esforço para manter o ambiente das escolas de samba com ar familiar e características de *casa*, mas ampliado e aberto à *rua*. Isso se intensificou nos desfiles já que os mesmos são realizados durante o carnaval, festa brasileira que permite a inversão e a disputa.

Mas no carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua [...] Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição às duras regras de pertencer à alguém ou ser alguém [...] No

carnaval, se o leitor me permite um paradoxo, a lei é não ter lei (DAMATTA, 1981, p. 121)

De fato, o carnaval é uma festa paradoxal. Por mais que a regra seja não ter regra, os desfiles das escolas de samba, desde seu início, têm como uma das características principais a forte hierarquia no corpo de sua organização antes, durante e depois da festa do momo, além da forte disputa entre as escolas co-irmãs. As escolas de samba se tornaram instituições que refletem um aspecto central da cultura brasileira, baseada na hierarquia invertida. São constituídas por diversos elementos - pessoas de diferentes bairros, classes e grupos sociais mais privilegiados, meios de comunicação, poder público - que remetem ao ambiente e à categoria social *rua*. Mesmo assim, as camadas populares ainda organizam as escolas e os desfiles.

A popularização das escolas de samba no carnaval carioca se intensificou ainda mais a partir do desfile de 1932. Nesse ano, um importante passo foi dado porque veículos da Grande Imprensa referendaram apoio às escolas e à organização dos desfiles, estabelecendo uma relação bem-sucedida, de boas perspectivas e benefícios para ambas as partes. E, mais tarde, isso contribuiu para garantir também o apoio do Estado:

Em 1932, o jornal *Mundo Sportivo* patrocina o primeiro desfile competitivo das escolas de samba. No ano seguinte, o jornal *O Globo* assume o posto deixado pelo *Mundo Sportivo*, em virtude do encerramento das atividades do jornal, e, dois anos mais tarde, a prefeitura do Rio de Janeiro oficializa o desfile das escolas de samba. Com esta oficialização, as escolas passam a receber subvenção do poder público e a fazer parte do calendário oficial de carnaval da cidade, elaborado pelo Departamento de Turismo da prefeitura, com dia e local pré-estabelecidos para o desfile (VALENÇA, 2003, p. 8).

Quando as escolas passaram a receber dinheiro de subvenção estatal em 1935, elas foram registradas oficialmente, tornando-se agremiações ou grêmios recreativos. Com isso, formaram a União Geral das Escolas de Samba - em 1934 -, a Federação das Escolas de Samba e a Confederação das Escolas de Samba - ambas em 1947 - como entidades representativas de seus interesses e de interação com outras entidades sociais.

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, as escolas efetivaram seu vínculo com o poder público, consolidaram-se como vitrine da sociedade carioca, como divulgadora da cultura popular regional e depois brasileira no período do Estado Novo de Getúlio Vargas. Foi, então, que os desfiles começaram a criar enredos baseados em momentos da história, exaltação aos artistas ou eventos culturais do país com uma linguagem popular expressa nas sinopses e

desenhos de fantasias e alegorias. Musicalmente também houve modificações e a consolidação do formato do subgênero do samba: o samba-enredo.

[...] Provavelmente o samba-enredo, cujo formato só se consolidou depois da metade da década de 1940, foi a materialização sonora da interação do sambista com a cidade. Com ele, escola aceitava submeter-se às regras institucionais, dando caráter histórico e nacionalista às músicas do desfile, mas formatava-as segundo sua experiência musical, fiel à expressão comunitária do samba. (MOURA, 2004, p. 90)

Em 1952, as escolas de samba resolveram fundir suas três organizações de representação e criaram a AESCRJ - Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro³. Cavalcanti (1994) afirma que essa década também foi marcada por um conjunto de processos que contribuíram para a configuração dos desfiles das escolas de samba como são vistos hoje: a ampliação de sua base social atingindo classes médias do Rio de Janeiro e a entrada de artistas plásticos e cenógrafos nas produções de desfiles.

A tendência das escolas de samba a partir de então era cada vez mais entrar na lógica de institucionalização, profissionalização e comercialização de seus desfiles e dos seus processos de produção criativa e cultural. E assim foi ao longo da década de 1960. O surgimento da figura do carnavalesco⁴, a comercialização dos ingressos das arquibancadas da Avenida Rio Branco a partir de 1962 ampliando a fonte de renda das escolas, a relação cada vez mais forte com os meios de comunicação de massa, a criação da RIOTUR⁵ que mudou a relação entre Estado e escolas de samba com a substituição das subvenções por contratos de

³ Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, oriunda da fusão entre UGESB (União Geral das Escolas de Samba do Brasil) e FBES (Fundação Brasileira de Escolas de Samba), foi a principal entidade de representação das escolas entre 1952 e 1984, quando dissidentes do grupo principal fundaram a LIESA (Liga Independente das Escola de Samba). A partir de 1984, somente as escolas dos grupos de acesso do Rio de Janeiro eram filiadas à essa associação. Em 1995, dissidentes do grupo de acesso A fundaram a LIESGA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso) que não foi bem-sucedida e voltaram para a AESCRJ. Em 2008, mais uma vez sete escolas do grupo de acesso A se tornaram dissidentes e fundaram a LESGA (Liga das Escolas de Samba do Grupo de Acesso). Em 2010, escolas do grupo de acesso B também se integraram à LESGA, deixando apenas as escolas dos grupos C, D e E sob a responsabilidade da AESCRJ. Entre 2011 e 2015, a Associação perdeu força política entre os filiados devido a uma série de polêmicas na organização dos desfiles e julgamento das escolas. Em 2015, as escolas dos grupos de acesso B, C, D e E fundaram duas entidades LIESB (Liga Independente das Escolas de Samba da Série B) e Associação O Samba é Nosso. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_das_Escolas_de_Samba_da_Cidade_do_Rio_de_Janeiro>. Acesso em 06 jun. 2016.

⁴ Entre os pioneiros e principais estão Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues, Joãozinho Trinta, Max Lopes, Maria Augusta, Rosa Magalhães, Renato Lage e Lícia Lacerda oriundos da Escola Nacional de Belas Artes ou do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

⁵ Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro, de capital misto, criada a partir da Lei 2079 em 14 de julho de 1972. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Riotur>>. Acesso em 05 jun. 2016.

prestação de serviço. Tudo isso imergiu de vez as escolas de samba numa teia de relações complexa, atrativa e lucrativa.

Àquela altura, as escolas já tinham assumido por completo, e de modo mais profissional, a tarefa de mediação formal das relações do samba com as instituições oficiais, sejam o governo, o mercado musical (indústria fonográfica, editoras e emissoras de rádio) e a mídia impressa. (MOURA, 2004, p. 95 e 96)

No final dos anos 1960, as escolas de samba eram extremamente populares entre os mais diferentes lugares e camadas sociais do Rio de Janeiro. As pessoas do morro desfilavam para se apresentarem àqueles que adquiriam os ingressos, normalmente turistas e classe média da cidade. Quanto ao primeiro LP de samba-enredo: "Em 1968, a então AESEG - Associação das Escolas de Samba do Estado da Guanabara – produziu o álbum histórico, de forma quase independente, em gravação ao vivo" (MOURA, 2004, p. 157). Isso se tornou mais uma forma de garantir às escolas nova fonte de renda e divulgação dos seus sambas. As rádios, nos períodos pré-carnavalescos, executavam com exaustão os sambas do ano. Esse foi um dos momentos mais importantes para a transformação de uma expressão da cultura popular carioca em um elemento da Indústria Cultural, no sentido definido por Adorno e Horkheimer, trazendo cada vez mais aspectos da profissionalização e do mercado a esse tipo de manifestação, voltada também para o entretenimento:

Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão [...] Sua ideologia é o negócio. A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela [...] (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 128)

Nos anos 1970, rapidamente as escolas de samba cresceram. Em 1978, seus desfiles passaram a ser realizados na rua Marquês de Sapucaí no centro do Rio de Janeiro. As escolas começaram a apresentar desfiles que mudaram sua estética, com enredos de temáticas mais diversificadas, fantasias e alegorias mais elaboradas e sambas-enredos populares. O prestígio dos desfiles das escolas aumentou assombrosamente e dava sinais de que estava prestes a atingir um grande auge, já que o Brasil e o mundo inteiro passaram a conhecer essa manifestação cultural através dos LP's com os sambas e das imagens televisionadas. O início do processo de globalização contribuiu para que esses produtos atingissem também um público cada vez mais internacional.

Observamos que nesse período inicial as escolas de samba nasceram como expressão da cultura popular, mas com status marginalizado e que graças à capacidade de congregação do samba adquiriu visibilidade e conquistou as ruas trazendo uma forma mais diversificada de brincar o carnaval, mesmo com fantasias e ingressos muito caros pagos por aqueles que têm melhor poder aquisitivo. As escolas de samba ampliaram seu público-alvo, chamaram atenção dos meios de comunicação, institucionalizaram-se, ganharam apoio do Estado, mudaram seus aspectos estéticos, temáticos e musicais, profissionalizaram-se, aumentaram suas rendas com contratos e vendas de ingressos e LP's, tornaram-se conhecidas nacionalmente. O terreno já estava bem preparado para o boom e as consequências da popularização.

2.2 TRANSMISSÕES NA TV, SAMBÓDROMO E LIESA

Os anos de 1980 foram importantes porque neles ocorreram três fatos cruciais que mudaram a dinâmica das escolas de samba: as transmissões televisivas dos desfiles, a construção do sambódromo e a criação da LIESA⁶.

Sabemos que a relação entre os meios de comunicação de massa e as escolas de samba é bem-sucedida desde o seu início. De certa forma, a dinâmica cultural das escolas pode ser entendida a partir da relevância de sua relação com cada mídia. Os jornais impressos dominaram as relações com as escolas nas décadas de 30 e 40 ao referendarem os primeiros desfiles e contribuírem para sua divulgação, organização e oficialização. Entre as décadas de 50 e 70, devido aos recursos técnicos e o surgimento do formato samba-enredo, as emissoras de rádio tiveram a possibilidade de iniciarem as transmissões sonoras dos desfiles e mais tarde, com os lançamentos de LP's oficiais, a divulgação dos sambas nos períodos carnavalescos. A televisão, um dos principais meios de comunicação de massa, também entrou na teia de relações com as escolas de samba:

A primeira transmissão do desfile das escolas de samba foi feita, por flash, pela TV Continental, em 1960. Pode-se dizer, no entanto, que só a partir de 1971, quando as emissoras de TV já possuíam recursos técnicos e com a instituição do tempo limite para o desfile das escolas de samba, inicia-se

⁶ Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, fundada em 24 de julho de 1984 por 10 escolas dissidentes da antiga Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ): Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Estação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel. Seu primeiro presidente foi Castor de Andrade, eleito para um mandato provisório de 10 meses. Disponível em <<http://liesa.globo.com>>. Acesso em 05 jun. 2016.

uma parceria que perdura até os dias de hoje, extremamente lucrativa para ambas as partes. (VALENÇA, 2003, p. 24)

O interesse do meio televisivo na transmissão e divulgação do desfile das escolas de samba cresceu ainda mais. A Rede Globo, maior emissora televisiva do país, já transmitia os desfiles desde o final da década de 1970. Em 1984, a TV Manchete consegue os direitos de exclusividade e transmite pela primeira vez, com êxito e bastante retorno de audiência, a festa no ano de inauguração do Sambódromo da Marquês de Sapucaí. No ano seguinte, a Globo divide as transmissões com a Manchete até o final dos anos 90 com a falência desta emissora.

A entrada da TV possibilitou mais uma forma de aumentar as receitas das escolas que já exigiam um reforço, pois os desfiles cresceram rapidamente. Também aconteceu uma série de mudanças na concepção e realização dos desfiles. As escolas de samba tiveram que se adaptar à linguagem e aos formatos televisivos, investindo principalmente nos quesitos ou aspectos visuais como o aumento no luxo e proporção de alegorias e fantasias e rigidez no horário de entrada e tempo de desfile.

A relação entre os meios de comunicação de massa e as escolas de samba se estreitou com o interesse da televisão em transmitir os desfiles. Naquele período, a TV estava em pleno momento de popularização e ampliação de seu alcance nacional. Então, isso contribuiu para que as escolas de samba, que já estavam em plena ascendência, aumentassem seus horizontes de público, renda e reconhecimento. A TV catapultou o sucesso das escolas, que se tornaram produto de sua grade anual e, ao mesmo tempo, um espaço publicitário. Logo, a festa precisava de um lugar a altura que comportasse essa evolução.

"A construção da Passarela do Samba em 1984 coroou essa evolução, e representou o reconhecimento e a extraordinária ampliação do potencial econômico dos desfiles" (CAVALCANTI, 1994, p. 27). Ao fixar os desfiles numa avenida do centro do Rio de Janeiro, Marquês de Sapucaí - perpendicular à grande avenida Presidente Vargas, um dos antigos lugares de desfiles - as escolas de samba, oriundas das periferias e regiões suburbanas, ganharam o reconhecimento estatal enquanto agremiações que precisavam ter enorme visibilidade e com potencial econômico e turístico muito forte. Era necessário um lugar de destaque para o principal evento carnavalesco da cidade.

A principal reivindicação dos sambistas se centrava na construção de uma passarela definitiva para realização dos desfiles, sob a alegação de que a montagem e o desmonte da estrutura tubular das arquibancadas eram muito dispendiosos. Em 1983, atendendo a esta antiga solicitação dos sambistas, o então governador do Rio de Janeiro, Leonel de Moura Brizola, autoriza a

construção de um espaço definitivo para o desfile. Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a Passarela do Samba é inaugurada após quatro meses de obras, prazo bastante exíguo para a execução de uma obra deste porte (VALENÇA, 2003, p. 38).

O projeto de Sambódromo, um espaço com arquibancadas fixas de capacidade muito maior que as anteriores⁷, proporcionou para as escolas a possibilidade de aumentarem sua renda com a venda de ingressos dos desfiles. Daria também maior segurança para as escolas de samba quanto a um local de realização dos mesmos. Para o Estado, foi uma obra de custo inicial muito alto, mas que ao longo prazo se mostrou vantajoso financeiramente, pois os gastos com as arquibancadas móveis poderiam ser deslocados para arcar outras necessidades. Devido à rapidez de sua execução e o pouco tempo de construção, o Sambódromo foi e é um projeto polêmico. Segundo Valença (2003), os meios de comunicação trouxeram discussões em torno da Passarela do Samba e muitos pontos foram levantados: alto investimento inicial, complexidade das obras versus tempo, valor multifuncional do projeto, Praça da Apoteose, acústica, etc. No entanto, havia um interesse de toda a sociedade carioca para que o projeto fosse bem sucedido e trouxesse benefícios não só para as escolas de samba, mas também para tudo e todos que giram em torno do carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

Com a transmissão televisiva e a construção do Sambódromo, os desfiles das escolas de samba ganharam status de verdadeiro *espetáculo midiático*. Para Valença (2003), uma série de modificações foi percebida na estrutura e na estética dos desfiles: fantasias e alegorias de maiores dimensões e mais luxo, valorização do visual em relação ao canto e samba que foram ficando mais em segundo plano, teatralização ou coreografias de alas e alegorias e a presença cada vez maior de celebridades em busca da visibilidade que as escolas ganham durante o carnaval. Ambos fatores foram decisivos para que esse período trouxesse um novo modelo de escola de samba e de desfiles também:

A Passarela do Samba tornou a participação do público presente ao desfile menos importante do que os fatores estéticos, tecnológico e financeiro das escolas de samba. Mais do que nunca, os desfiles das escolas de samba aproximam-se do espetáculo, do show. (VALENÇA, 2003, p. 53)

⁷ Como já observado, segundo Cavalcanti (1994), a construção de arquibancadas móveis e comercialização de ingressos começaram em 1962 quando os desfiles eram realizados na Avenida Rio Branco. O monte e desmonte das arquibancadas todo ano se encerraram apenas com a construção da Passarela do Samba em 1984 na Avenida Marquês de Sapucaí.

Segundo Cavalcanti (1994), após a construção da Passarela, um grupo de 10 entre as 12 escolas do primeiro grupo em meados de 1984, separou-se da AESCRJ e fundou a LIESA que passou a se relacionar diretamente com a RIOTUR para organizar o desfile das escolas do grupo principal. Com essa nova entidade, o dinheiro destinado às escolas era repassado e dividido igualmente apenas entre os membros filiados à LIESA. Na época da Associação, todas as escolas de diferentes grupos recebiam o dinheiro igualmente e tinham poder de voto igualitário. Por isso, as escolas do grupo principal – que eram minoria - tinham menos força política e achavam que recebiam menos dinheiro do que deveriam. Porém, "a presença da Liga no carnaval trouxe parte da rede do jogo do bicho na cidade para a luz do dia" (CAVALCANTI, 1994, p. 31).

A relação entre as escolas de samba e o mecenato do jogo do bicho é antiga. Por exemplo, Natalino José do Nascimento, mais conhecido como Natal⁸, tornou-se um dos maiores controladores do jogo do bicho na região de Madureira. Alguns anos mais tarde, a Portela se tornaria a maior potência do carnaval carioca devido ao forte rigor disciplinar implantado por Paulo Benjamim de Oliveira e os investimentos financeiros de Natal.

O jogo do bicho foi considerado jogo de azar pelo governo de Dutra, em 1946, porém conseguiu continuar suas atividades e se espalhou pelas regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro. Esse tipo de jogo era baseado no pagamento e cobrança de apostas que seguiam a lógica, chamada por Cavalcanti (1994) de "honra à palavra dada". "Com o enriquecimento do bicheiro, essa confiança rapidamente se transformou em patronagem: ajuda pessoal e benfeitorias públicas em troca da lealdade da população" (CAVALCANTI, 1994, p.32). O contexto vivenciado pelas escolas de samba nos anos de 1970 foram cruciais para o estreitamento na relação com o jogo do bicho.

Diante da incômoda situação econômica em que se encontravam nos anos de 1970, as escolas de samba foram obrigadas a buscar recursos em outras fontes. É neste contexto que se populariza a figura do patrono, quase sempre um contraventor ligado à prática do jogo do bicho, que se une a determinada agremiação e sua comunidade para colaborar com os gastos na produção do desfile, em troca de status e reconhecimento social. (VALENÇA, 2003, p. 38)

Portanto, essa relação era uma espécie de troca: as escolas de samba, como instituições da cultura popular inseridas no contexto de Indústria Cultural, dariam aos

⁸ Fundou o bloco Conjunto Oswaldo Cruz, que depois daria origem à Portela, em sua casa junto com Paulo Benjamim de Oliveira e Antônio Rufino em 11 de abril de 1923.

bicheiros visibilidade social e status e em troca receberiam deles recursos financeiros para ajudar a confeccionar seus carnavais. Muitas escolas de samba permitiram esse tipo de relação e se fortaleceram dentro do cenário carnavalesco ou politicamente dentro da LIESA que acabou institucionalizando o mecenato do samba e do jogo do bicho. Num espaço de duas décadas, entre 1970 e 1990, essa relação se tornou mais intensa e se alastrou por quase todas as escolas. Era possível contar nos dedos das mãos as escolas que não tinham ou permitiam essa patronagem. Para Cavalcanti (1994), isso ocorreu porque a entrada do mecenato do jogo do bicho nas escolas se deu pela racionalização de sua administração, tendo como motor a competitividade e o crescimento da festa. Ela é coerente e reforça o projeto de mercantilização e profissionalização do carnaval que serviram de base para a formação da LIESA.

Esta Liga em seu início era responsável apenas pelo controle financeiro dos contratos de prestação de serviço à RIOTUR, de transmissões televisivas dos desfiles, repasse do dinheiro de vendas de ingressos, discos, direitos autorais e afins. Porém, a partir de 1989, a LIESA também passa a ter o controle da formatação e da parte artística dos desfiles com o poder de alterar o regulamento, além da escolha e formação de jurados⁹ e definição das diretrizes de julgamento. Com tudo isso, a LIESA conferiu às escolas de samba maior independência financeira e artística de seus desfiles, tornando-as cada vez mais *espaço midiático*.

2.3 ERA DOS PATROCÍNIOS, CIDADE DO SAMBA E PAULO BARROS

A maior independência financeira e artística das escolas de samba cariocas, estabelecida pela consolidação da LIESA no cenário do carnaval, permitiu que se abrisse espaço para uma aproximação cada vez maior entre estas e as empresas privadas ou entidades públicas do Rio de Janeiro, de outros estados e até mesmo internacionais. As empresas passaram a investir nos desfiles, sendo que a principal moeda de troca era o enredo. As escolas agraciadas com patrocínios teriam que desenvolver enredos que atendessem, de algum

⁹ A LIESA todo ano se reúne com as escolas-membros para decidir se haverá troca de jurados. Caso haja, a Liga contrata novos jurados com o aval das escolas. Depois de definida a lista de julgadores, que normalmente sai um pouco mais de um mês antes do carnaval, os escolhidos passam por uma pequena formação na sede da Liga onde são ministradas palestras sobre como devem ser avaliadas diversas situações de desfile e esclarecer as possíveis dúvidas dos futuros julgadores. Por último, há um sorteio para definir em qual módulo de julgamento cada jurado irá ficar.

modo, aos interesses do patrocinador. Para Valença (2003), isso foi uma nova forma de arrecadar recursos ante a ruptura das subvenções municipais dadas às escolas:

Além disso, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro manteve durante sessenta anos, desde 1935, subvenção oficial às escolas de samba. A ruptura definitiva da relação do poder público com a administração do espetáculo aconteceu em 1995, cercada de alguma polêmica através da resolução do então prefeito César Maia. (VALENÇA, 2003, p. 56)

Embora anos mais tarde a prefeitura do Rio de Janeiro tenha voltado a repassar recursos públicos para as escolas, "este processo, ditado pela lógica do capital, mostra que o desfile das escolas de samba, inicialmente uma manifestação cultural sem fins lucrativos, passou a ser gerenciado a partir de um modelo empresarial" (VALENÇA, 2003, p. 58). Isso reflete quanto o crescimento, a dinamização e a maior complexidade das relações entre escolas de sambas e outros interlocutores pertencentes ou inseridos na Indústria Cultural - Imprensa, Rádio, TV, empresas privadas - acabou por transformá-las em espaço midiático no contexto de uma manifestação cultural espetacular.

Ao longo de sua história, principalmente a partir da década de 1970, as escolas de samba sempre procuraram uma forma de angariar ainda mais recursos para a realização de seus desfiles. Como visto, os enredos patrocinados se tornaram uma nova forma a partir dos anos de 1990, dando *status* financeiro, prestígio e força para a realização do desfile da escola agraciada porque o público que acompanha carnaval começava a apostar em boas colocações para as escolas patrocinadas, já que garantiriam bom visual.

Valença (2003) afirma que as escolas encontraram diversas alternativas para facilitar a realização de enredos patrocinados com ainda mais recursos. Uma dessas foi recorrer à Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet - com a qual as escolas ofereciam "como contrapartida para seus patrocinadores os benefícios fiscais previstos pela lei" (VALENÇA, 2003, p. 74). Outra alternativa foi recorrer à verba pública de municípios e estados brasileiros que tivessem interesse em enredos que exaltassem as belezas naturais, culturais e históricas de um determinado lugar - são chamados pelos amantes dos desfiles como *enredos CEPs*. Esses tipos de enredo nem sempre foram bem-sucedidos porque os patrocinadores acabavam não repassando os recursos, mas algumas exceções conseguiram título como *Mais vale um jogue que me carregue do que um camelo que me derrube no Ceará* da Imperatriz em 1995 com recursos públicos do estado do Ceará e um mais recente *Macapaba - Equinócio Solar, viagens fantásticas ao meio do mundo* da Beija-Flor em 2008 com patrocínio do governo do Amapá.

Um outro fato importante que possibilitou a entrada de capital estrangeiro para as escolas de samba foi a derrubada em 1997 da obrigatoriedade de enredos com temáticas nacionais que vigorava desde a década de 1930. A partir de então, poucos foram os desfiles que exaltaram a cultura internacional. Porém, principalmente depois do campeonato da Vila Isabel em 2006 com *Soy Loco por ti, América: a Vila canta a latinidade* - enredo patrocinado por uma petroleira venezuelana para exaltar a América Latina -, pôde ser visto nos últimos 10 anos uma maior negociação entre empresas e governos estrangeiros pelo espaço midiático dos desfiles das escolas. Por exemplo, só a Unidos da Tijuca em 2013 desenvolveu um enredo sobre a cultura alemã e sua relação com o Brasil, recebendo recursos da Alemanha; e em 2015 fez uma homenagem à Suíça depois do forte investimento recebido pelo governo deste país europeu.

Quanto aos patrocínios oriundos das empresas privadas, existem alguns casos de relativo sucesso e outros de insucesso, que devido às suas estratégias, experimentaram a dura resistência por parte de sambistas e simpatizantes das escolas de samba. Um caso de certa forma bem-sucedido foi o enredo da Imperatriz em 2001 sobre a cana-de-açúcar que recebeu patrocínio da marca de açúcar União e foi campeão, dividindo opiniões.

O enredo sobre o leite na Unidos do Porto da Pedra em 2012, com patrocínio da marca de iogurtes Danone, foi o caso de insucesso mais emblemático porque, pela primeira vez, no folder de lançamento do enredo para a comunidade, a marca patrocinadora ocupava o mesmo espaço do símbolo da agremiação. Isso foi muito mal visto, ainda mais depois das inúmeras exigências que a marca de iogurtes fez para o desenvolvimento do enredo e dos sambas. Além das opiniões negativas, a escola de São Gonçalo teve uma série de dificuldades na organização do carnaval, como troca de carnavalescos, etc. A consequência disso tudo foi o rebaixamento da Porto da Pedra, mesmo apresentando um desfile de visual com grandes investimentos. Os patrocínios marcaram e ainda marcam um novo momento dos desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro:

Com a facilidade de negociação garantida, as escolas de samba tornaram-se excelente espaço de mídia. Assim como investem em campanhas publicitárias para divulgar seus produtos, as empresas passaram a buscar o carnaval para o mesmo fim [...] Com o advento dos enredos patrocinados as escolas de samba transformam-se no próprio meio de comunicação. Hoje, o carnaval carioca é também espaço de mídia. (VALENÇA, 2003, p. 77)

Em 1999, surgiu mais um projeto ambicioso que possibilitou o recebimento da grande estrutura montada para os desfiles das escolas: a Cidade do Samba. Esse projeto nasceu de um acordo entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a LIESA. As escolas de samba alegavam que precisavam de espaços de produção (barracões) dignos para que o espetáculo dos desfiles não fosse prejudicado. Muitas escolas se instalavam e produziam fantasias e alegorias em condições insalubres e com sérios riscos de perdas e danos materiais ou humanos. Foi assim que nasceu a ideia de ter um local apropriado com o conjunto de barracões das escolas de samba do grupo especial e que abrigasse ou recebesse também atrações culturais e turísticas:

O prefeito Cesar Maia autorizou a compra de um terreno de 130.000 m² de propriedade da Rede Ferroviária Federal, situado no coração da Gamboa, próximo aos armazéns do Porto. Assumiu, também, a responsabilidade pela construção das fábricas de carnaval, de uma praça central e, na parte posterior do terreno, de uma vila olímpica para as comunidades da periferia. O que parecia impossível tornou-se realidade em dois anos e meio de pesquisa, trabalho e dedicação. Mais do que um centro de visitação turística, a Cidade do Samba se consolida como um núcleo de produção da genuína arte brasileira.¹⁰

Baseado nas informações do website oficial da Cidade do Samba, a construção desse projeto se tornou simbólica em diferentes aspectos. Primeiro, o espaço escolhido na região da Gamboa remete muito à contextualização histórica do samba e da escravidão. Muitos escravos oriundos da África chegavam ao Rio de Janeiro no Cais do Valongo, nas imediações dos bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo. E foi ali que surgiram as primeiras rodas de batuque que, mais tarde, dariam origem ao samba na Praça Onze. Segundo, a construção foi importante para política e economia porque deu partida para o projeto de revitalização do Centro Antigo e Região Portuária, recolocando-os no circuito turístico e econômico do Rio de Janeiro. A Cidade do Samba abriu novos caminhos para os desfiles e para a cidade, por isso foi um projeto abraçado por diferentes setores e grupos sociais.

A construção foi iniciada em agosto de 2003 e a Cidade do Samba¹¹ foi inaugurada em setembro de 2005 quando as escolas receberam autorização da prefeitura para ocuparem os 14 barracões de quatro andares cada, a fim de darem início à produção do carnaval de 2006. As principais consequências da Cidade do Samba para os desfiles foram o aumento das alegorias

¹⁰ Disponível em <<http://www.cidadedosambarj.globo.com>>. Acesso em 06 jun. 2016.

¹¹ Todas as informações referentes ao desenvolvimento do projeto, construção e inauguração da Cidade do Samba foram pesquisadas no site oficial do espaço. Disponível em <<http://www.cidadedosambarj.globo.com>>. Acesso em 06 jun. 2016.

– que passaram a contar com maiores esculturas e maiores medidas (largura, altura e comprimento) -, maior escala de produção de fantasias e fortalecimento dos ateliês, além da utilização do espaço da praça da Cidade do Samba para diversos eventos organizados pela LIESA, como o sorteio da ordem dos desfiles, a gravação dos CDs das escolas de samba que se tornaram ao vivo a partir de 2010 com uma produção mais caprichada para os clipes e participação das comunidades, o lançamento oficial dos CDs, entre outros. Portanto, a Cidade do Samba - um novo complexo turístico, cultural e econômico no meio do antigo Centro do Rio - permitiu uma estruturação ainda maior para que as escolas produzissem seus carnavais num ritmo cada vez mais industrializado e profissional.

Os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro ganharam contornos cada vez mais próximos a uma maior espetacularização de seus elementos. O contexto das escolas nos primeiros anos do século XXI contribuiu para a construção de uma base mais sólida na disputa entre o que Cavalcanti (1994) classifica de "categorias genéricas":

"A partir de uma base comum de significado fornecida pelo quesito enredo, os demais quesitos alinham-se, com maior ou menor grau de precisão, em torno de dois eixos que podem ser designados pelas categorias genéricas de *visual* e *samba*" (CAVALCANTI, 1994, p. 49)

Para a autora, a noção de *visual* está ligada ao caráter espetacular e que distingue ator de espectador; como oposição, a noção de *samba* acentua o caráter festivo da manifestação, a dimensão participativa através do canto e da dança. Ou seja, o visual é composto por elementos da plástica dos desfiles como fantasias e alegorias, enquanto que o samba é tudo o que é envolvido pelo aspecto musical como samba-enredo, harmonia, evolução, bateria, etc. A entrada da TV, a construção da Passarela, a criação da LIESA, a aproximação das escolas com filosofias e investimentos empresariais, a construção da Cidade do Samba e alguns outros motivos possibilitaram que a tensão entre visual e samba se ampliasse cada vez mais na dinâmica cultural das escolas:

"A tensão entre o visual e o samba é vital. Possibilitou a expansão e as transformações das escolas ao longo do século, e creio mesmo que enquanto ela perdurar, perdurarão as escolas e a graça de sua competição em desfile" (CAVALCANTI, 1994, p. 53)

No mesmo período de construção da Cidade do Samba, um carnavalesco começou a ganhar notoriedade que causou grande alvoroço no carnaval carioca tanto entre os meios de

comunicação como entre os envolvidos com os desfiles de passarela: Paulo Barros. Segundo o site Wikipédia¹², ele era um antigo comissário de bordo que sempre gostou muito de escolas de samba e começou seus trabalhos carnavalescos na Vizinha Faladeira em 1994. Passou 10 anos trabalhando apenas em escolas do grupo de acesso até que, em 2003, seu trabalho na Paraíso do Tuiuti com o enredo *Tuiuti desfila o Brasil em terras de Portinari* chamou a atenção do então presidente da Unidos da Tijuca, Fernando Horta, que o contratou para fazer desfiles no grupo especial.

Paulo Barros estreou na escola azul-e-amarelo do morro do Borel e na elite do carnaval em 2004 com o vice-campeonato do enredo *O Sonho da Criação e a Criação do Sonho: A Arte da Ciência No Tempo do Impossível*, trazendo diversas inovações estéticas e plásticas como a utilização de materiais altamente alternativos e baratos, "alegorias vivas" com repetição de elementos e coreografias humanas, além da extrema facilidade de leitura das fantasias e alegorias. Na época, o carro *Criação da Vida*¹³ - famoso popularmente como o "carro do DNA" - foi considerado uma verdadeira "revolução" de estilo e estética. Depois disso, Paulo Barros fez várias inovações nos desfiles: ala coreografada de cartas sendo comandadas pela Rainha de Copas em 2005, carro representando uma boate com coreografias de diferentes estilos musicais em 2006, bateria em cima de carro alegórico em 2007, um gigantesco carro de esqui em 2008, uma alegoria do cisne montado e desmontado por pessoas em 2009, comissão de frente com o truque de ilusionismo de troca de roupas em 2010, etc.

O estilo Paulo Barros novamente trouxe à tona para as discussões a antiga tensão entre visual e samba. Esse novo estilo dava sinais de extrema adaptação e valorização dos quesitos visuais para os espectadores da Sapucaí e para os telespectadores. Também foi um dos responsáveis por acentuar as diferentes mudanças significativas ao longo dos últimos anos em torno dos elementos que compõem os desfiles. Confirmou a tendência de coreografias e teatralização de carros alegóricos e alas, tornando os desfiles cada vez mais um espetáculo midiático televisivo:

Além das mudanças nos quesitos visuais, a transmissão pela TV trouxe ao desfile das escolas de samba outra transformação estrutural,

¹² As informações sobre carreira e trabalhos carnavalescos de Paulos Barros foram encontradas ou confirmadas no Wikipédia. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Barros_\(carnavalesco\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Barros_(carnavalesco))>. Acesso em 06 jun. 2016.

¹³ Antepenúltimo carro do desfile da Unidos da Tijuca em 2004, cuja estrutura cônica era baseada em materiais metálicos e espelhos, composto por 127 pessoas seminuas e pintadas de azul que realizavam coreografias extremamente sincronizadas e que causavam um efeito visual enorme para quem via o desfile tanto pela TV quanto na Passarela.

consolidada mais recentemente. Trata-se da teatralização de diversos setores do desfile, que obedece à lógica de se criar pequenas atrações dentro do espetáculo maior – a apresentação das escolas de samba.

O primeiro sintoma do fenômeno de teatralização dos desfiles foi a criação das alas coreografadas, que trocavam a espontaneidade do sambista por passos ensaiados à exaustão antes da apresentação oficial das agremiações. Recentemente, as coreografias foram substituídas por encenações e deixaram de ser exclusividades de alas. Comissões-de-frente e figuras de composição de carros alegóricos inteiros aderiram à tendência. (VALENÇA, 2003, p. 30)

Toda essa linha do tempo sobre os desfiles nos mostra como existe uma dinâmica cultural presente nas relações entre as escolas de samba, os meios de comunicação, o poder público, as entidades sociais ou empresariais nacionais e até mesmo internacionais. Essa teia de relações foi e ainda é responsável pela transformação gradual de uma manifestação da cultura popular em um espetáculo midiático. Entretanto, por mais que existam diferentes fatores ou elementos já vistos neste capítulo que confirmam que as escolas de samba são hoje um espaço midiático, elas nunca deixaram de ser uma manifestação cultural oriunda de bairros marginalizados e periféricos do Rio de Janeiro que, na lógica da inversão do carnaval, são as estrelas principais da passarela mostrando ao mundo, e para o próprio país, uma expressão relevante e reveladora da nossa identidade cultural.

3 UNIDOS DE VILA ISABEL - HISTÓRIAS, TRADIÇÕES E GLÓRIAS

3.1 FUNDAÇÃO E CRESCIMENTO

Segundo seu website oficial, o G.R.E.S Unidos de Vila Isabel foi fundado por Antonio Fernandes da Silveira, conhecido como “Seu” China, e Antonio Rodrigues (Tuninho Carpinteiro) em 04 de abril de 1946 a partir do registro oficial da agremiação na então UGESB¹⁴. Outros membros fundadores foram Ailton Cleber, Ari Barbosa, Cesso da Silva, Joaquim José Rodrigues (Quinzinho), Osmar Mariano, Paulo Gomes de Aquino (Paulo Brasão) e Servan Heitor de Carvalho. “Seu” China - teve a ideia de fundar a escola de samba quando viu um bloco muito organizado desfilar pelas ruas do bairro de Noel Rosa durante o carnaval:

“Seu” China, que residira no morro do Salgueiro, mudando-se mais tarde para o morro dos Macacos em Vila Isabel, encontrou um bloco no bairro, fundado por Ailton Pinguim, por volta de 1940, denominado: Acadêmicos da Vila, bloco este, cujas cores eram vermelho e branco. Na época, era um bloco muito admirado e respeitado pela maneira organizada como desfilava pelo bairro, sendo a maioria dos seus componentes, moradores do morro do Pau da Bandeira. No domingo de Carnaval do ano de 1946, estava “Seu” China conversando com um grupo de amigos em um bar, situado na Praça Sete, esquina com a Rua Barão de São Francisco, quando de repente, a sua atenção, como num passe de mágica, foi despertada para o lado do Bloco Acadêmicos da Vila, que por ali passava com os seus componentes fantasiados e isolados por uma corda, parecendo uma mini Escola de Samba, conforme observação de “Seu” China, nascendo daí então, à partir daquele momento, a ideia de fundar em Vila Isabel, uma Escola de Samba. Logo após o Carnaval, “Seu” China, já acompanhado de alguns elementos que iriam fazer parte da futura Escola de Samba, reuniu-se com os integrantes do Bloco Acadêmicos da Vila, que de pronto aceitaram a ideia de se formar uma Escola de Samba no bairro de Noel, como também, de mudar as cores do mesmo para azul e branco em homenagem ao “Seu” China, que antes fazia parte da Escola de Samba Azul e Branco do Salgueiro. Também, houve apoio dos componentes do Bloco de Dona Maria Tataia, que era conhecido pelo fato de seus integrantes serem considerados “pessoas de família” e ter entre os seus principais instrumentos: Pistons, Trombones e Clarinetas.¹⁵

¹⁴ União Geral das Escolas de Samba, fundada em 1947.

¹⁵ Disponível no link <<http://www.unidosdevilaisabel.com.br/historia>>. Acesso em 22 jun. 2016.

Podemos perceber que a Vila Isabel seguiu o caminho mais usual de fundação da maioria das agremiações de samba que já existiam na época: união de diferentes blocos de rua de um determinado bairro para se transformar em escola de samba. No caso dessa agremiação, o peculiar de sua fundação é que o principal membro fundador, "Seu" China, não tinha origens no bairro de Vila Isabel e sim nas vizinhanças, mas conseguiu formar a escola de samba com apoio de outras pessoas oriundas dali.

"Seu" China foi também o primeiro presidente da escola, no período entre 1946-1959. O quintal de sua casa, localizada na Rua Senador Nabuco, em Vila Isabel, serviu muitos anos como o lugar de ensaios. Segundo registros do site oficial da escola, no seu primeiro ano de desfile, em 1947, a Vila levou para Praça Onze o enredo *Escrava Rainha*¹⁶ com cerca de 100 componentes, dentre eles 27 ritmistas, 13 baianas e mais 50 pessoas, algumas delas sendo membros da diretoria.

Os 20 primeiros anos da Unidos de Vila Isabel (1946-1965) podem ser resumidos em carnavais nos quais a agremiação procurava se firmar no primeiro grupo. Passou alguns anos nos grupos de acesso, caindo e subindo do grupo 3 para o 2 e do 2 para 1 ou vice-versa. Até que em 1965, com o enredo *Epopéia do Teatro Municipal*, a escola conseguiu um vice-campeonato no grupo 2, subindo para o grupo 1 em que nos anos seguintes alcançaria posições mais ambiciosas.

Com a ascensão e volta ao grupo principal em 1966, a Vila Isabel conseguiu um 4º lugar, defendendo o enredo *Três acontecimentos históricos*. Esse feito é muito simbólico, pois a escola do bairro de Noel Rosa foi uma das primeiras a romper o grupo das 4 potências do carnaval carioca, formado por Portela, Estação Primeira de Mangueira, Império Serrano e Acadêmicos do Salgueiro, que alternavam as primeiras colocações entre si desde os anos 50. Com isso, a Vila Isabel procurou fortalecer seus quadros de segmentos e convidou diferentes pessoas de outras comunidades para integrá-las à escola. Um caso especial e que deu muito certo foi o convite feito ao Martinho (da Vila) José Ferreira:

Martinho da Vila, pertencia à escola de samba Aprendizes da Boca do Mato, e já estava com um pé no Império Serrano, quando em 1966, foi convidado por David Corrêa (do ponto), que era muito amigo do Sr.

¹⁶ Todas as informações referentes aos anos, enredos e seus respectivos carnavalescos ou classificações finais da Unidos de Vila Isabel foram encontrados ou confirmados no seguinte link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_de_Vila_Isabel> e no livro *As tias da folia* – o brilho maduro de escolas de samba de alta idade, escrito por Fabato, Farias, Simas, Camões e Natal.

Aristides, presidente da referida agremiação, para ingressar na Ala dos Compositores da Unidos de Vila Isabel.¹⁷

Martinho aceitou o convite e criou, juntamente com o compositor Gemeu, o samba-enredo da escola para o carnaval de 1967: *Carnaval de Ilusões*. Nesse mesmo ano, a Vila Isabel repetiu o 4º lugar do ano anterior com algumas inovações: a variação de cores nas fantasias sem fugir da base tradicional azul-e-branco e um samba com estrutura diferenciada, letra leve e melodia suave. Esse estilo de composição do Martinho se tornou semelhante ao estilo de sambas da escola. A Vila Isabel foi ganhando uma identidade particular e conquistando, aos poucos, seu lugar na elite do carnaval carioca.

Entre 1968 e 1977, a Vila Isabel conseguiu se manter no primeiro grupo com boas ou medianas colocações - de 5º a 10º lugar. Alguns sambas e desfiles se destacaram nesse período, como *Quatro séculos de modas e costumes*, *Iaiá do Cais Dourado*, *Glórias Gaúchas*, *Onde o Brasil aprendeu a liberdade* – todos estes compostos pelas parcerias de Martinho da Vila -, além de *Invenção de Orfeu*.

Em 1976, Antonio Fernandes da Silveira - "Seu" China -, um dos fundadores da escola, faleceu aos 76 anos de idade. E dois anos depois, em 1978, a Vila Isabel foi rebaixada para o grupo de acesso:

Em 1978, o enredo *Dique, um mar de amor* não trouxe felicidade para a escola, que desceu para o segundo grupo com um desfile muito prejudicado pelas chuvas. Mesmo com a adversidade, em 1979 a Vila daria a volta por cima com um carnaval de Ieda Pinheiro, *Os dourados anos de Carlos Machado*, levantando mais uma vez o caneco de campeã dos grupos de base. (FABATO. et al, 2014, p. 29)

O carnaval de 1979 é considerado o primeiro enredo de homenagem a um personagem ainda vivo. Depois desse campeonato no acesso, que trouxe para a agremiação o imediato retorno ao 1º grupo, a Unidos de Vila Isabel entrou num novo período quando firmou sua consolidação dentro da elite do carnaval carioca.

¹⁷ Disponível no link <<http://www.unidosdevilaisabel.com.br/historia>>. Acesso em 22 jun. 2016

3.2 ANOS 80 - CONSOLIDAÇÃO ENTRE AS GRANDES

A década de 1980 foi marcante para a Unidos de Vila Isabel, pois bons e distintos enredos, sambas e desfiles inesquecíveis consolidaram a agremiação entre as grandes do Rio de Janeiro. Nesse período também ocorreram diferentes administrações na escola, cada uma a seu estilo, que contribuíram para que a mesma se fortalecesse ainda mais.

No ano de 1980, subindo ao especial na condição de campeã do grupo de acesso, a Vila Isabel levou para a Marquês de Sapucaí o enredo *Sonho de um Sonho*, conquistando o melhor resultado da história da escola no 1º grupo até então: um vice-campeonato, empatada com Mocidade Independente e União da Ilha do Governador. O samba – dos compositores Martinho da Vila, Rodolfo de Souza, Tião Graúna e inspirado num poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade - foi um dos pontos altos do desfile, premiado pelo Estandarte de Ouro¹⁸.

Entre 1981 e 1983, a Unidos de Vila Isabel conquistou posições intermediárias, como 7º ou 9º lugares, com os seguintes enredos: *Do jardim do Éden à era de Aquarius*, *Noel Rosa e os poetas da Vila nas batalhas do Boulevard* e *Os imortais*. Em 1983, deu-se início à administração do influente Aílton Guimarães Jorge, mais conhecido como Capitão Guimarães¹⁹. Ele, que viria a ser um dos principais articuladores da fundação e presidente da LIESA, era um bicheiro muito forte das regiões de Niterói e adjacências. Presidiu a Vila Isabel até o ano de 1987. Podemos afirmar, então, que essa administração foi um exemplo de como a relação entre as escolas de samba e o jogo do bicho era muito estreita, durante a década de 1980, graças ao processo de mercantilização e profissionalização das mesmas:

O crescimento estético do desfile encarecia o carnaval, deixando as cifras da subvenção estatal cada vez mais obsoletas e dependentes da "patronagem" do jogo do bicho. A espetacularização dos desfiles iniciada principalmente na década de 1960 impulsionou o evento como marca de identidade do Rio de Janeiro, porém resultou na

¹⁸ Um dos principais prêmios extra-oficiais do carnaval carioca, concedido pelo jornal *O Globo* aos artistas e brincantes que constroem o desfile do grupo especial do Rio de Janeiro na Passarela do Samba. Esse prêmio foi criado em 1972 pelos jornalistas Heitor Quartin e Roberto Paulino. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estandarte_de_ouro>. Acesso 01 jul. 2016.

¹⁹ Aílton Jorge Guimarães é um bicheiro e ex-militar durante o período de Ditadura, acusado de ter participado de procedimentos de tortura contra presos políticos. Após deixar o Exército, tornou-se bicheiro controlador de uma grande área que se estende desde Niterói ao estado do Espírito Santo. Presidiu a LIESA em duas oportunidades: entre 1987-1993 e 2001-2007. No segundo mandato foi preso pela operação Hurríciane da Polícia Federal junto com outros bicheiros do mundo do carnaval carioca. Foi presidente da Unidos de Vila Isabel e patrono da Unidos do Viradouro. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o_Guimar%C3%A3es>. Acesso em 16 jul. 2016.

necessidade de um forte aporte financeiro; que não era somente subsidiado pelo poder público, mas também pelos banqueiros do jogo do bicho. (SILVA, 2014, p. 37)

Durante a administração Guimarães, a escola do bairro de Noel apresentou carnavais com muito mais recursos e luxo conseguindo posições importantes nas classificações. Em 1984, *Pra tudo se acabar na quarta-feira* – samba-enredo composto por Martinho da Vila - conquistou um 5º lugar no carnaval e mais um Estandarte de Ouro de melhor samba. No ano seguinte, uma colocação ainda melhor ficou nas mãos do enredo sobre o universo infantil, criado pelas mãos de Max Lopes e intitulado de *Parece até que foi ontem*: um terceiro lugar. Depois veio um 11º lugar, em 1986, com *De alegria cantei, de alegria pulei, de três em três pelo mundo rodei*. E em 1987, a Vila Isabel foi muito bem elogiada pela crítica especializada e premiada como melhor escola pelo Estandarte de Ouro, resultado de seu desfile sobre o universo indígena também criado pelo carnavalesco Max Lopes e de um samba que quebrou todos os paradigmas ao apresentar versos sem rimas. Um verdadeiro samba-conto cantado, de Martinho da Vila, Azo e Ovídio Bessa. Mesmo com vários pontos a seu favor e considerada uma das favoritas ao título, a Vila Isabel ficou com um 5º lugar.

Porém, o término da administração Guimarães na Vila Isabel trouxe algumas consequências financeiras que foram difíceis de recuperar a curto prazo e se iniciou um novo momento na Vila Isabel:

Passando por sérias dificuldades financeiras, foi despejada de sua quadra de ensaios, que, até anos antes, funcionava no campo do América Futebol Clube, onde hoje está localizado o shopping Iguatemi, à rua Teodoro da Silva. Foi ensaiar na escola municipal Equador, no famoso "Vilinha" - Associação Atlética Vila Isabel. Chegou até mesmo a ensaiar no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em um palanque improvisado em frente ao bar Petisco da Vila. A sede era o desejo e a sede da escola, e o que era uma dificuldade sem tamanho se transformou em combustível e garra.

[...] Desde a saída de Aílton Guimarães Jorge da escola, o Capitão Guimarães, a situação financeira havia, como já dito, declinado de maneira drástica. Insistiam para que Martinho se candidatasse, mas ele não queria. Citaram Ruça. Ela quis. Sim, aceitava desafios. O Morro dos Macacos apoiou sua candidatura e, assim, foi eleita. Mas havia a prova da verdade na Avenida. Se caísse com a escola, a conta chegaria à sua casa. E com juros. (FABATO. et al, 2014, p. 64-67)

A administração de Lícia Maria Maciel Caniné²⁰, também conhecida como Ruça, tinha a democracia como principal marca. As reuniões de quadra passaram a ser feitas de portas abertas e houve uma maior participação da comunidade junto à construção dos inúmeros processos pré-desfile, como escolha e desenvolvimento de enredo, concurso de samba-enredo, etc. Outra característica dessa gestão foram as temáticas dos enredos voltadas à crítica política e social, pouco comuns durante a administração de Aílton Guimarães Jorge e difíceis de serem retratadas durante a ditadura que findara poucos anos antes:

A falta de crítica social e política, instalado nos enredos da Unidos de Vila Isabel, até o carnaval de 1987, seja por conta da censura ou por conta da posição político-ideológica da administração vigente, contrastava com os três anos seguintes durante a administração de Ruça: "a cor" em *Kizomba - Festa da Raça* (1988), "a lei" em *Direito é Direito* (1989) e "a terra" em *Se esta terra, se esta terra fosse minha* (1990). (SILVA, 2014, p. 58)

O final da década de 1980 foi marcado pelo fim do regime militar. Isso contribuiu para que o movimento negro, suas reivindicações e discussões ganhassem força no cenário brasileiro, ainda mais com a aproximação de uma data importante para a história nacional que era o centenário da Abolição. O enredo *Kizomba, a Festa da Raça* foi uma proposta do casal Martinho e Ruça, adaptada para o estilo da escola de Vila Isabel e suas difíceis condições. *Kizomba* acabou se transformando numa ousadia estética em que o luxo e o brilho ficaram de lado:

No carnaval do ano de 1988 da Vila Isabel, a direção da escola, juntamente com os seus artistas, optaram por um carnaval que caminhava na linha da criatividade. Sem quadra e com um orçamento bastante precário, a agremiação optou por escolher materiais alternativos e bem coloridos, lembrando os africanos. Assim deixou de lado o "luxo do luxo", com fantasias repletas de brilho, plumas, acetatos, paetês holográficos, para valorizar o "luxo do lixo", ou seja, materiais baratos, reciclados e pouco brilhosos. (SILVA, 2014, p. 70)

A escola azul-e-branco do bairro de Noel se preparou enfrentando todas as dificuldades do período pré-carnavalesco, ensaiando sem quadra, ou seja, de modo bastante improvisado nas ruas de Vila Isabel. Os comentários do mundo do carnaval, ao ver as alegorias e fantasias na concentração, eram de pena e receio da escola. A própria comunidade

²⁰ Presidiu a Unidos de Vila Isabel entre 1987 e 1990 com forte apoio da comunidade do Morro dos Macacos. Era companheira de Martinho da Vila na época de sua administração.

do Morro dos Macacos sabia de suas limitações e que para conquistar um bom resultado no grupo especial deveria ser na base da garra dos componentes. Na fala de mestre Mug, é possível perceber os sentimentos antes, durante e depois do desfile:

Tive sorte na vida de assumir a bateria numa época boa, nos 100 anos de abolição. Fui lá pra baixo desacreditado porque não era ninguém. Ninguém me conhecia. A gente estava na rua, sem quadra, aí fomos lá pra baixo. Quem é mestre Mug? Ninguém conhecia mestre Mug. O samba era um samba que parecia que não ia crescer... Aí chegou na avenida... A gente teve sorte! Ganhou estandarte de ouro, fizemos um bom desfile, fomos a melhor escola... Então, pra mim, esse foi o melhor desfile, o melhor carnaval da Vila Isabel. (AMARAL, 2016)²¹

Kizomba, a Festa da Raça aconteceu e foi muito além na Marquês de Sapucaí. Em contraste ao espetáculo do luxo, esse desfile foi o espetáculo do samba no pé e da raça. Considerado por muitos críticos e entendedores de carnaval como o maior desfile da história da Passarela e um dos maiores da história do Rio de Janeiro, a Vila Isabel venceu seu 1º título do Grupo Especial com 224 pontos contra 223 da 2ª colocada Mangueira, que também exaltou o negro e questionou a abolição.

Para o carnaval de 1989, a Vila Isabel manteve a linha de enredos com temáticas sociais ou políticas. E o processo de decisão de todo o carnaval seguiu a metodologia democrática tão defendida por Ruça e Martinho. O enredo *Direito é direito* foi definido a partir de propostas e escolha da comunidade:

Na visão da dirigente, um enredo deveria ser escolhido e entendido por toda a agremiação. Para tanto, foi realizado um concurso em que cada um poderia enviar a sua proposta de tema. Após plenária com os membros da escola, seria votado e escolhido o melhor. Dizem que o radialista Haroldo de Andrade propôs, para 1989, o enredo "Pequeno Burguês", em menção à música de Martinho da Vila. Levado à plenária, o tema obteve inexpressiva votação, saindo vitorioso o enredo "Direito é direito", de Paulo César Cardoso. Para se escolher o presidente da escola, também não mais o conselho votaria, e, sim, qualquer componente. Democracia em todos os sentidos. (FABATO et al. 2014, p. 83)

A Vila Isabel fez seu carnaval na Passarela do Samba com um samba cativante de inúmeras passagens de críticas sociais e políticas, composto por Jorge King, Serginho Tonelada, Fernando Partideiro, Zé Antonio e J.C. Couto. A escola também foi responsável

²¹ Fala de mestre Amadeu Amaral (Mug) durante entrevista realizada em 02/07/2016 para este trabalho. Mais detalhes presentes no Apêndice I.

por uma mudança significativa nas comissões de frente – sempre dominadas por homens bem fantasiados e com coreografia tradicional - a partir desse ano, pois colocou mulheres grávidas de diferentes padrões de corpos para virem abrindo o desfile. Levou o Estandarte de Ouro de melhor Comissão de Frente. Existia toda uma expectativa em cima do desfile, já que a escola era a atual campeã com o arrebatador Kizomba. Mas problemas de alegorias na concentração e conjunto tiraram a escola do páreo. Um 4º lugar foi conquistado.

A década de 1980 se mostrou como aquela em que a Vila Isabel conseguiu se consolidar entre as grandes do carnaval, levando para avenida enredos de diferentes temáticas, bons e inesquecíveis sambas, além de desfiles aguerridos e de superação:

[...] As temáticas trazidas para os desfiles, apesar de poéticas, apenas tangenciam a crítica social e política. Uma primeira explicação para esta ausência é a censura. Até 1985, enquanto durou a censura prévia do regime civil-militar brasileiro, essa postura da escola pode até ser entendida sob a pena coercitiva que estava desenhada. Porém, é neste momento que encontramos o enredo "Sonho de um sonho", que apesar de não ser explicitamente crítico ao regime, trazia em seu samba de enredo passagens contundentes para o período. [...]

Os enredos seguintes propostos na década de 1980 não seguiram essa formatação. Os demais apresentados pela agremiação iam na contramão dos enredos das demais escolas de samba do período que seguiram numa crescente crítica social e política nos seus enredos. A segunda explicação para os enredos "amenos" na Vila Isabel, com a entrada de Capitão Guimarães na escola em 1984. (SILVA, 2014, p. 56)

Portanto, foram anos de administrações bem distintas, mas que de certa forma funcionaram cada uma dentro de seu estilo. A administração Guimarães, com os vultuosos recursos, obteve bons desfiles que colocaram a Vila novamente entre as potências do cenário carnavalesco, mergulhou-a de vez na lógica cada vez mais espetacular e seguiu um estilo mais empresarial. Já a administração Ruça não possuía recursos financeiros, enfrentando imensas dificuldades administrativas, e mesmo assim, seguindo uma linha mais democrática, fez desfiles memoráveis na Sapucaí em que a comunidade fez toda a diferença.

Os anos de 1980 são muito importantes para a história e consolidação da escola diferentemente dos anos 1990 que foram marcados por administrações complicadas, erros sucessivos e poucos momentos de acerto ou de respiro na elite do carnaval.

3.3 ANOS 90 E INÍCIO DE 2000 - DIFICULDADES E REBAIXAMENTO

Durante os anos de 1990, a Vila Isabel passou por muitos momentos complicados que a arrastou vagarosamente para o tão temido rebaixamento. O processo começou já no último carnaval da gestão de Ruça com o enredo *Se esta terra, se esta terra fosse minha*, que retratava a situação agrária do Brasil ao longo de toda sua história e os movimentos de luta pela reforma e redistribuição das terras dos grandes latifundiários do país, dando maior valor aos pequenos agricultores e à agricultura familiar. Segundo Fabato et al. (2014), em 1990, a preparação para o carnaval não foi fácil já que a presidente Ruça ficou afastada da escola devido à sua eleição para vereadora pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) e Martinho da Vila, seu companheiro, também não estava atuante por causa de sua agenda de shows. Quem tomou as rédeas foi Olício Alves dos Santos e parte da diretoria. Um momento que ilustra muito bem a situação complicada da escola foi a polêmica escolha do samba:

Após a apresentação das obras, Ruça reuniu os jurados numa sala garantindo direito de voto a todos. Sabia de um burburinho que estavam armando para o samba X ganhar, pois o morro pedia que esse fosse o campeão. [...] Na hora do resultado, a dirigente subiu ao palco e esbravejou: "Aqui em Vila Isabel ganha o melhor samba. Se não gostarem, venham tirar satisfações comigo".
Deu o samba de Aninha²². A partir daí, as luzes que salpicavam o céu não eram mais as estrelas cantadas por Noel. Eram tiros, de verdade. Um caos danado. (FABATO et al. 2014, p. 85)

Outro ponto complicado de ter sido trabalhado ao longo da década foi a associação dos desfiles da Vila Isabel à performance bem-sucedida de *Kizomba*. Toda essa expectativa e pressão, reproduzida pela imprensa e por parte dos amantes do carnaval, tornaram o campeonato de 1988 uma espécie de sombra para os desfiles de anos posteriores da escola, principalmente aqueles cujos enredos tinham ligação com temáticas sociais ou afro. Como bem observa o autor Eduardo Silva em sua dissertação:

Embora a proposta de enredo social marcasse uma continuidade naquela administração, os carnavais de 1989 e 1990 tinham em 1988 um difícil paradigma para ser quebrado. A reportagem "Meta é superar o desfile de 88", do Jornal do Brasil do dia 24 de fevereiro de 1990 demonstra essa preocupação: "O grande desafio da Unidos de

²² Segundo Fabato et al. (2014), o samba-enredo *Se esta terra, se esta terra fosse minha* de 1990 foi composto pela parceria Aninha Guedes, Tião Grande e Bombril.

Vila Isabel é superar o desfile de 1988, que teve como enredo Kizomba – Festa da Raça, e repetir o título. (SILVA, 2014, p. 88)

Durante o desfile na Passarela do samba, a Vila mais uma vez errou nos quesitos de alegorias e enredo já que algumas alas ficaram fora de ordem. E terminou o carnaval de 1990 em 12º lugar. Esse desfile é simbólico porque deu fim a um momento de consolidação da Vila Isabel entre as grandes do Rio de Janeiro e início a um novo de difíceis anos na história da escola.

Em 1991, já sob a administração de Olício Alves dos Santos, o enredo *Luiz Peixoto: e tome polca!* do carnavalesco Ilvamar Magalhães conseguiu um 11º lugar. No ano de 1992, *A Vila vê o ovo e põe as claras*, de Gil Rincon, ficou em 12º lugar. Em 1993, *Gbalá - viagem ao templo da Criação* foi um dos destaques de luz na década, pois seu enredo e samba Estandarte de Ouro foram desenvolvidos por Martinho da Vila e a estética vanguardista das alegorias e fantasias tinham a ilustre marca de Oswaldo Jardim, animando a Sapucaí e conquistando uma boa colocação: 8º lugar.

Em 1994, a Unidos de Vila Isabel completou 48 anos de fundação e resolveu levar para avenida a história do próprio bairro como samba. *Muito prazer! Isabel de Bragança e Drummond Rosa da Silva, mas pode me chamar de Vila* foi mais um enredo capaz de fazer a escola brindar o público com um grande samba-enredo de refrões fortes e melodia diferenciada, também premiado pelo Estandarte de Ouro. Os compositores foram André Diniz, Evandro Bocão e Bombril. O carnavalesco Oswaldo Jardim esteve mais uma vez no comando estético da escola. Tudo isso, sob a gestão de Valter Lopes de Carvalho, deu à Vila um 9º lugar.

Cara e Coroa, as duas faces da moeda, em 1995, do carnavalesco gabaritado Max Lopes fechou também em 9º lugar. *A heroica cavalgada de um povo*, enredo homenagem ao estado do Rio Grande do Sul em 1996, era sinal da chegada à Vila Isabel de uma nova tendência oriunda do mundo dos desfiles: os "enredos CEPs" com objetivo de conseguir patrocínio de governos ou órgãos públicos de outros estados e municípios. Max Lopes mais uma vez assinou o carnaval da Vila que fez um bom desfile e conseguiu um 7º lugar – a melhor colocação da escola na década de 1990.

Em 1996, Olício dos Santos voltou a ser presidente da escola e dessa vez ficou por 6 anos consecutivos. Entre 1997 e 1999, a Vila Isabel levou pra Sapucaí enredos de colocações razoáveis ou ruins – entre 9º e 12º lugares -, beirando o rebaixamento, apesar de manter a tradição dos sambas bem vistos pela crítica especializada, amantes de carnaval e imprensa:

Não deixe o samba morrer e Lágrimas, suor e conquistas no mundo em transformação do carnavalesco Jorge Freitas; além de *João Pessoa, onde o sol brilha mais cedo* também de Jorge Freitas, porém com João Luís de Moura. Vale ressaltar que esse último enredo foi uma forma de promover a capital da Paraíba, entrando na categoria de patrocinado "CEP". Teve até participação de artistas regionais, como Elba Ramalho que veio como rainha de bateria da escola.

Observamos que a Vila Isabel, nesse período de complicações financeiras e administrativas, poucas vezes apresentou estrutura ou interesse em enredos de cunho patrocinado. Esse foi um dos poucos casos na década de 1990. Considerada tradicional e de presença maciça da comunidade, o processo de profissionalização e mercantilização tardou para ser compreendido e implementado por membros e/ou pelas administrações da escola desse período. A Vila Isabel amargou desfiles de erros e dificuldades, colocações razoáveis e diminuição no peso de sua bandeira na elite do carnaval carioca:

Impossível uma escola de samba viver sempre períodos de glória. A grande maioria passa por tempos de vacas magras e escuridão. Nesse sentido, a década de 1990 não foi muito bondosa com a Vila Isabel. [...] Quando uma agremiação é rebaixada, no geral, o processo começa antes, de forma lenta e dolorosa. A escola passa a descer na tabela, ser preterida e descontada em erros que antes eram relevados quando era "grande". Na Vila, o samba do desgaste tocou dessa forma e, como se diz muito nesse meio, "*a bandeira perdeu o peso*". (FABATO et al. 2014, p. 124)

Em 2000, ano de comemoração dos 500 anos do Brasil, todas as escolas do grupo especial do Rio de Janeiro deveriam fazer enredos com temáticas voltadas para o Descobrimento do país. O enredo escolhido pela Unidos de Vila Isabel foi *Academia indígena de Letras: sou índio, também sou imortal*.

"Olício Alves dos Santos era o presidente da agremiação e, vendo o sucesso do enredo do ano anterior da Unidos da Tijuca, 'O Dono da Terra', desenvolvido por Oswaldo Jardim, escolheu tocar o mesmo apito. De quebra arrematou também o carnavalesco". (FABATO et al. 2014, p. 124)

Muitos problemas na montagem para o desfile daquele ano, na concentração e na Passarela do Samba, levaram a escola a fazer um carnaval cheio de erros que lhe custaram muitos pontos. Depois de 22 anos no grupo especial, a Vila Isabel acabou sendo rebaixada. A última vez que a escola fez carnaval no acesso havia sido no ano de 1979. A comunidade de

Vila Isabel sentiu o baque e demorou para se reerguer, segundo o ex-presidente (2015-2016)

Luciano Ferreira:

O período mais difícil foi quando a escola foi rebaixada em 2000, quando veio falando dos 500 anos do Brasil. Foi o pior momento porque ela amargou 4 anos no grupo de acesso. Foi muito difícil até a gente conseguir realmente levar a escola de volta ao grupo especial. Mas uma escola que está muitos anos no grupo especial e desce para o acesso... É muito ruim para a escola porque a estrutura é outra, ruim pro componente porque escola de samba é um sentimento incondicional. Você não consegue medir é uma coisa que não sei... Não sei explicar. Então foi o pior momento. (FERREIRA, 2016)²³

Em 2001, Martinho da Vila escreveu o enredo "Estado maravilhoso cheio de encantos mil" com uma sinopse que permitia total liberdade aos compositores para exaltarem qualquer coisa do estado do Rio de Janeiro. A escola foi com garra para o desfile, mas ainda se encontrava ressentida com o rebaixamento. Terminou em 4º lugar no acesso A.

No ano seguinte, entrou na Vila Isabel um empresário que se colocou à disposição para patrocinar o carnaval daquele ano:

Em 2002, chegou à escola Damásio Desidério, empresário que iria patrociná-la. Botafoguense roxo, assumiu a função de diretor de carnaval e foi o homem que organizou toda a logística. Como torcedor do time da estrela solitária, propôs um enredo em homenagem a um de seus maiores ídolos: o jogador Nilton Santos, falecido em novembro de 2013. (FABATO et al. 2014, p. 126)

O enredo era intitulado de *O glorioso Nilton Santos: sua bola, sua vida, nossa Vila...* desenvolvido pelo carnavalesco João Luís de Moura. Segundo os críticos especializados, a Vila Isabel fez um desfile muito animado com a ajuda do samba e da boa bateria comandada pelo mestre Mug. Muitos apontavam a escola como favorita ao título em 2002 no acesso A. Porém, segundo Fabato et al. (2014), uma nota 9,3 equivocada da jurada Nizete acabou tirando a vantagem de seis décimos obtidos pela Vila e a deixou um décimo atrás da Acadêmicos de Santa Cruz que venceu o carnaval. As duas escolas brigaram na justiça por essa vaga no especial. Ficou provado que a jurada Nizete confundiu a nota da Vila Isabel com o da União da Ilha, mas um acordo fez com que a azul-e-branco – comandada pelo presidente Evandro Bocão - permanecesse no acesso.

²³ Fala do ex-presidente Luciano Ferreira durante entrevista realizada em 13/07/16 para este trabalho. Mais detalhes em Apêndice II.

Em 2003, a Vila Isabel escolheu fazer uma homenagem ao Oscar Niemeyer, idealizador de um projeto de quadra gratuito para a escola na avenida Boulevard 28 de setembro. De acordo com Fabato et al. (2014), era um projeto muito bonito com soluções ousadas, como teto retrátil, tratamento acústico, dois andares, orçado em 4,5 milhões de reais. A escola não teve condições de captar esse montante e anos mais tarde veio a substituir esse projeto por outro mais econômico. No carnaval, a Vila acabou terminando na 3ª colocação do acesso A.

Finalmente, 2004 foi o ano da redenção. A Unidos de Vila de Isabel, depois de 4 anos, conseguiu enfim o título que lhe permitiu o acesso a uma vaga no grupo especial para o carnaval de 2005 com uma homenagem contagiante à cidade de Paraty. O enredo intitulado de *A Vila é Para ti...* foi criação do carnavalesco João Luís de Moura. Nesse período, a gestão de Evandro Bocão havia conseguido resolver alguns problemas administrativos e financeiros que levaram a escola ao rebaixamento em 2000. Luciano Ferreira, ex-presidente da Unidos de Vila Isabel (2015-2016), considera 2004 como o melhor e mais glorioso ano pelo qual passou na escola:

Pra mim, o mais glorioso foi em 2004 quando a gente voltou ao grupo especial. Porque eu era secretário do Evandro Bocão, nosso presidente, e ali realmente foi a garra, a união... Foi todo mundo num mesmo ideal para que a Vila fizesse um desfile emocionante, maravilhoso, que levou de volta ao grupo especial. Então, na minha opinião, foi em 2004. (FERREIRA, 2016)²⁴

Com a entrada de Wilson Vieira Alves (Moisés) como apoiador, depois diretor de carnaval e, por último, superintendente, foi o início de uma nova era, a mais gloriosa, da Unidos de Vila Isabel na elite do carnaval carioca.

3.4 "A VILA TAMBÉM SE MODIFICOU NO UNIVERSO DO CARNAVAL" – A ERA VIEIRA ALVES

A chegada da Família Alves na Unidos de Vila Isabel se deu, segundo Varela (2015), quando o presidente Evandro Bocão precisava de alguém que ajudasse financeiramente a escola a organizar o carnaval de 2004 sobre Paraty. De acordo com Fabato et al. (2014), Wilson Vieira Alves (Moisés) já era o padrinho de bateria do mestre Mug na Vila quando

²⁴ Parte de entrevista concedida por Luciano Ferreira para este trabalho. Mais detalhes em Apêndice II.

recebeu o convite de Bocão e outros membros da diretoria para integrar a azul-e-branco ainda no acesso. Sobre o processo de ingresso, Wilson Vieira Alves assim descreveu:

No ano de 2003, eu fui convidado em março por um ex-integrante da escola chamado Buda, e pelo então presidente Bocão. Eles foram até Niterói. Nós fomos até a churrascaria Porcão, em São Francisco, e ali me fizeram um convite. Isso era pra março de 2003. Eu estava muito envolvido com muito trabalho na época e cheguei na (sic) escola no dia 28 de dezembro de 2003 para assumir o carnaval que aconteceria em fevereiro de 2004, que era o carnaval que (sic) o enredo falava sobre Parati. E assim, mas entendendo que, no ano anterior, eu já vinha dando umas contribuições financeiras para a escola, contribuições modestas, mas eram contribuições. Fiz isso no carnaval de Milton Santos, no ano de 2003, e assim foi minha chegada na (sic) Vila Isabel, efetivamente na data de 28 de dezembro de 2003, para o carnaval de Parati, que foi em fevereiro. ALVES (2014 apud VARELA, 2015, p. 21)

Segundo Varela (2015), a fala do presidente Moisés em nenhum momento cita Capitão Guimarães, figura influente no mundo do carnaval que presidiu a Vila entre 1983 e 1987. Guimarães foi o maior incentivador e um dos principais responsáveis pela entrada dos Vieira Alves na Vila Isabel. O autor ainda afirma que, na época, Guimarães presidia a LIESA quando Moisés assumiu a escola; ambos realizavam reuniões fechadas para decidir enredos e que Moisés sempre mencionava Guimarães como referência.

A chegada de Moisés à Vila Isabel e a união entre ele e a gestão Bocão foram muito importantes para que a escola retornasse à tão cobiçada elite do carnaval carioca, ao grupo especial. Num primeiro momento, ele era apenas responsável pelas contribuições financeiras da escola para o carnaval de 2004 que acabou sagrando-se campeão no acesso. Para o ano de 2005, criou-se o cargo de superintendente de carnaval a fim de possibilitar maior liberdade financeira e administrativa para ele dentro da escola. Junto com Moisés, seu filho Wilson da Silva Alves – conhecido como Wilsinho – ocupou a diretoria de carnaval, e sua esposa Rita de Cássia a diretoria do ateliê de fantasias. A Família Alves foi responsável por adotar um estilo mais empresarial de administração que ajudou a Vila Isabel a ficar entre as melhores.

Então, através desse relato de Moisés e das afirmações dos autores Fabato et al. (2014) e Varela (2015), percebemos que a entrada da Família Vieira Alves na Unidos de Vila Isabel foi de rápida ascensão, de grande ajuda à escola e com apoio de Guimarães, da gestão Bocão e da comunidade que aos poucos foi abraçando os novos membros. Era a volta da figura de um "patrono" influente para a história da escola, mostrando mais uma vez como o mundo do carnaval e o mecenato do bicho ainda mantinham relações próximas.

Para o carnaval de 2005, Moisés contratou o renomado carnavalesco Joãozinho Trinta que havia sido demitido em plena avenida pela Grande Rio nos desfiles de 2004, após polêmicas alegorias no enredo sobre sexo e camisinha. Trinta teria a grande responsabilidade de fazer um carnaval para manter uma escola que acabava de vir do acesso. O enredo escolhido tinha o seguinte título: *Singrando em mares bravios... Construindo o Futuro*, sobre a história naval do Brasil. Durante a confecção do projeto, Joãozinho acabou sofrendo um forte AVC – acidente vascular cerebral – e Wany Araújo, seu assistente, assumiu o comando artístico da Vila Isabel.

Houve uma mudança no regulamento do grupo especial para o carnaval de 2005 em que a escola advinda do acesso, antes responsável em abrir o primeiro dia de desfiles, participaria do sorteio junto com todas as outras escolas. A Vila Isabel foi sorteada para encerrar o primeiro dia de desfiles. Na Passarela do Samba, a escola azul-e-branco conseguiu fazer um desfile vibrante graças ao bom rendimento da bateria e do samba – composto por André Diniz, Serginho 20, Carlinhos do Peixe e Carlinhos Petisco – com versos que destacavam a nova fase da Vila: "Depois da tempestade, a felicidade e a bonança/ O azul retorna ao seu lugar". Segundo a mídia, houve alguns problemas de acabamento de fantasias e alegorias que se desmanchavam na Sapucaí, número de alegorias acima do que o regulamento permitia e desequilíbrio na evolução que ocasionaram a perda de pontos. Mesmo com tudo isso, a escola permaneceu no grupo especial com um 10º lugar.

Para 2006, a Vila Isabel realizou eleições e Moisés, antes mesmo de lançar chapa vindo como presidente e Bocão vice, realizou contratações importantes do carnavalesco Alexandre Louzada e sua equipe – que estavam na Unidos do Porto da Pedra – e do coreógrafo Roberto Lima para a comissão de frente. A chapa encabeçada por Moisés venceu as eleições na Vila e deu início a um processo cada vez maior de profissionalização na estrutura de organização e realização de seus desfiles:

Eleito presidente, Moisés passou a trabalhar arduamente no projeto que tinha como mote tornar o GRES Unidos de Vila Isabel uma das maiores potências do carnaval carioca. Para isso, ele não mediria esforços nem recursos. A partir de então, ele buscou realizar saneamento financeiro e administrativo da agremiação. Com uma nova concepção de carnaval, a Vila passaria a ter uma gestão profissional e administrativa. (VARELA, 2015, p. 40)

Soy loco por ti, América! A Vila canta a latinidade foi o enredo da Vila Isabel para 2006, escrito pelo carnavalesco Louzada, historiador Varela e compositor Martinho da Vila.

Um enredo de natureza patrocinada já que a diretoria fechou parceria com a PDVSA²⁵, petrolífera venezuelana, para aporte financeiro na confecção do carnaval:

O interesse da PDVSA pelo enredo da Vila deu-se por dois motivos. O primeiro era uma forma da empresa fazer-se conhecida no Brasil, pois estava buscando expandir seus negócios por aqui. Em segundo lugar, porque a figura central do enredo da Vila era Simón Bolívar, libertador americano que defendeu a manutenção da unidade da América Espanhola. E, naquele momento, o presidente Hugo Chávez fez, durante seu governo, um resgate da figura de Bolívar. (VARELA, 2015, p. 43)

O enredo se tornou a moeda de troca entre escola e patrocinador. Uma característica cada vez mais comum no carnaval carioca. No caso da Vila, houve algo de inédito: o patrocinador era uma empresa estrangeira. Como foi um caso de sucesso entre ambas as partes, esse carnaval se tornou mais um exemplo de novas configurações dos desfiles das escolas de samba vistas como um espaço midiático e publicitário.

Outro ponto importante a se destacar nesse ano é a inauguração da Cidade do Samba que possibilitou a concentração dos ateliês e barracões das escolas em um só lugar com estruturas melhores, dando salubridade e maiores espaços para a confecção de fantasias e alegorias. Segundo Varela (2015), na Vila Isabel, o pré-carnaval no barracão foi de muita alegria porque a escola comprou materiais de boas qualidade e luxo conseguindo terminar tudo no prazo com grandiosidade e beleza.

Na Passarela do Samba, a Unidos de Vila Isabel desfilou no domingo com alegria e bom visual, impressionando a todos que tentavam entender como uma escola que há dois anos antes estava no acesso conseguiu chegar e ser uma das favoritas ao campeonato na elite. O favoritismo se confirmou depois de uma apuração de notas acirrada com a Grande Rio. No critério de desempate em samba-enredo, a Vila Isabel sagrou-se campeã do grupo especial em 2006. Seu segundo título. Foi a consagração da família e gestão Vieira Alves à frente da azul-e-branco de Noel.

Em 2007, toda a equipe de carnaval campeã em 2006 se desintegrou e foi para outras escolas. Foram contratados Cid Carvalho, oriundo da comissão de carnaval da Beija-Flor, e a bailarina Ana Botafogo para comissão de frente. O enredo escolhido foi autoral do

²⁵ Petróleos de Venezuela - empresa estatal venezuelana que se dedica à exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo da Venezuela. Fundada em 1 de janeiro de 1976, a PDVSA é a terceira maior empresa da América Latina, atrás apenas da brasileira Petrobrás e da mexicana Pemex. Disponível no link <http://pt.wikipedia.org/wiki/Petr%C3%B3leos_de_Venezuela> e acessado em 05 de jul. 2016.

carnavalesco junto com historiador Varela, cujo título era *Metamorfoses: do reino natural à Corte Popular do Carnaval – as transformações da vida*.

O samba composto por Evandro Bocão, André Diniz, Serginho 20, Carlinhos Petisco e Professor Wladimir foi o grande destaque durante o desfile, trazendo algumas passagens que refletiram o novo momento da Vila depois do título: "A Vila também se modificou/ No universo do carnaval/ Lindamente desabrochou/ E um sonho fez real". Fantasias luxuosas, fechadas e alegorias de bom acabamento com coreografias humanas deram o tom visual do desfile com inspirações estéticas no estilo Paulo Barros. Segundo editoria de Antônio Valente para o site SRZD – Carnaval, "a Vila fez um desfile correto, repleto de cores e com um samba gostoso de cantar, mas não chegou a impressionar". Terminou em 6º lugar.

Para o carnaval de 2008, de acordo com Varela (2015), o presidente Moisés contratou uma nova equipe formada pelo jovem carnavalesco Alex de Sousa, diretor de carnaval campeão em 2006 Ricardo Fernandes, coreógrafo Marcelo Misailidis e primeiro mestre-sala Julinho. *Trabalhadores do Brasil* foi o enredo escolhido, fazendo a Vila Isabel voltar aos temas de questões sociais e políticas, uma de suas marcas. Segundo Varela (2015), para esse enredo, Moisés conseguiu a colaboração da CUT – Central Única dos Trabalhadores – para ir atrás de recursos de confecção do carnaval e de projetos sociais e culturais para a comunidade, como Centro Odontológico e Casa de Bamba²⁶.

De acordo com críticos especializados, o desfile foi marcado por um visual mais uma vez de bom gosto e impecável, porém o samba – resultado da junção de duas parcerias finalistas no concurso - não foi bem recebido pelo público e rendeu abaixo do esperado. Ocorreram também alguns problemas de evolução graças à manobra do último carro que ocasionou um grande buraco na avenida. Isso custou caro, pois tirou a Vila Isabel do desfile das campeãs. Um 9º lugar.

Varela (2015) afirma que o presidente Moisés decidiu manter toda a equipe e se candidatar à reeleição na Vila Isabel para mais um triênio. *União e Trabalho* foi a única chapa a se candidatar, composta por Wilson Vieira Alves - Moisés - como presidente, Evandro Bocão como vice, entre outros. Em março de 2008, o presidente em exercício e sua chapa foram vencedores.

²⁶ De acordo com Varela (2015), Casa de Bamba é um projeto cultural criado na década de 1970 em que a quadra de Vila Isabel recebia inúmeros artistas e cantores da música popular brasileira. O projeto foi retomado durante a gestão Moisés dessa vez vinculado ao ensaio de quadra, normalmente aos sábados.

Nesse mesmo ano, algumas mudanças significativas aconteceram na estrutura da escola que refletiram nos desfiles. Varela (2015) descreve que Moisés, no dia do lançamento do enredo, anunciou o fim das alas comerciais, doando todas as fantasias para comunidade. O autor também cita a tão esperada e histórica inauguração da quadra que ocorreu em 28 de agosto de 2008 com show de Zeca Pagodinho. Essas mudanças elevaram o patamar da Vila entre as potências do carnaval já que a administração investiu num espaço para ensaios e realizações de eventos, e no material humano forte e aguerrido da comunidade dos Macacos e do bairro de Vila Isabel.

Para o carnaval de 2009, a Unidos de Vila Isabel optou por levar *Neste palco da folia, é minha Vila que anuncia: Theatro Municipal – a centenária maravilha*, sobre a história e os espetáculos do Theatro Municipal, tendo o cronista João do Rio como narrador. O desenvolvimento do enredo foi de responsabilidade do carnavalesco Alex de Souza e historiador Alex Varela. O samba foi escrito por André Diniz, Serginho 20, Arthur das Ferragens e Leonel e fez referência à quadra definitiva e ao verso "Nossa sede é nossa sede" de Kizomba, 1988, no refrão: "Segura a Vila que eu quero ver/ Vem brindar e saciar a sede/ No alto da sede, coroa hoje brilha/ A centenária maravilha". Vale ressaltar que o carnavalesco Paulo Barros, depois de ser demitido da Unidos do Viradouro, chegou para integrar a equipe de carnaval no meio do desenvolvimento do projeto.

A matéria *Vila faz o melhor desfile de domingo*, para o site SRZD – Carnaval, destaca que o desfile foi muito bem executado, com samba de bom rendimento e harmonia entre o classicismo de Alex de Sousa e a criatividade das "alegorias vivas" de Paulo Barros:

Terceira escola a entrar na Sapucaí, a Vila Isabel encantou. Praticamente sem erros, o desfile brindou a exibição de ideias interessantes, aliando a criatividade com o requinte. Isso pôde ser percebido nos carros alegóricos, quase todos coreografados, e nas fantasias. [...] O samba-enredo rendeu positivamente e os componentes cantaram junto com o intérprete Tinga. Outro destaque da Vila foi a comissão de frente, que montou um palco em plena Sapucaí, embora o tempo de apresentação para os jurados tenha sido muito longo, algo em torno de 3 a 5 minutos. Desenvoltura e classe são as palavras que melhor definem a apresentação de Julinho e Rute, primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Vila. A bateria também passou bem. (JOÃO et al, 2009)²⁷

A Vila Isabel saiu aclamada como campeã pelo público e pela crítica especializada naquele domingo de carnaval. Ganhou também os Estandartes de Ouro de melhor comissão

²⁷ Disponível no link: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/31141>>. Acesso em 06 jul. 2016.

de frente, mestre-sala (Julinho) e personalidade (Mercedes Batista). Porém, acabou apenas em 4º lugar na apuração.

O ano de 2010 foi o do centenário de nascimento de Noel Rosa. A diretoria havia observado isso e resolveu escolher o mais famoso compositor do bairro de Vila Isabel para ser o enredo da escola. O título era *Noel: a presença do poeta da Vila* e a sinopse foi desenvolvida por Alex de Sousa, Martinho da Vila e Alex Varela. O grande destaque de todo esse carnaval foi sem dúvidas o samba-enredo, composto por Martinho, com vários momentos em tom menor e uma melodia menos "oba-oba" - tão características nos desfiles atuais. A Vila Isabel entrou como a grande favorita ao título pela força de seus enredo, samba e retrospecto recente. Porém, na segunda de carnaval, o desfile tão esperado e o favoritismo foram jogados ao chão devido a problemas de som na Passarela e acabamento de alegorias. Assim afirmou a notícia do SRZD – Carnaval sobre a Vila Isabel:

Foi escandaloso. Os desfiles das escolas de samba chegaram a um grau de profissionalismo tão grande que impedem o amadorismo que aconteceu no desfile da Vila Isabel. Por 23 minutos o som apresentou uma grande falha. Na maior parte do tempo só era possível ouvir alguns instrumentos. Noel Rosa e a Vila Isabel não mereciam. Por conta disso, a abertura do desfile não foi aquela explosão que todos esperavam e faltou até emoção.

Após os problemas, a Vila Isabel fez um desfile correto, com uma boa leitura do enredo, mas as alegorias estavam muito simples e algumas com problemas de acabamento. O samba-enredo, assinado por Martinho da Vila, não rendeu o esperado. Mas a escola cantou bastante, repetindo o bom desempenho dos ensaios técnicos.²⁸

A Unidos de Vila Isabel terminou o carnaval de 2010 novamente em 4º lugar, com 4 Estandartes de Ouro: enredo, ala (Bloco Faz Vergonha), mestre-sala (Julinho) e porta-bandeira (Ruth).

Para o carnaval de 2011, o presidente Moisés contratou Rosa Magalhães no lugar de Alex de Sousa e Junior Schall, campeão em 2006, voltou para a função de diretor de barracão, integrando a comissão de carnaval. Durante a fase de preparação, Moisés se afastou da presidência por ter sido preso pela operação Alvará da Polícia Federal em 13 de abril de 2010, como noticiou o site do jornal O Globo:

O presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, Wilson Vieira Alves, conhecido como Moisés, foi preso no início da manhã

²⁸ Disponível em <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/74612>>. Acesso em 06 jul. 2016.

desta terça-feira em sua casa, no Leme, na Zona Sul do Rio, durante a operação da Polícia Federal batizada de Alvará, deflagrada nesta madrugada. Com Moisés, os agentes encontraram R\$ 42 mil. Além dele, foram presos dois diretores e um assessor da escola de samba. Ao todo, a Justiça Federal expediu 51 mandados, sendo 29 de prisão e 42 de busca e apreensão. Até o início da noite desta terça-feira, 24 pessoas foram presas pela PF em endereços no Rio, Niterói, São Gonçalo e na Baixada Fluminense.

A quadrilha usava selos que funcionavam como alvará para comerciantes utilizarem as máquinas caça-níqueis em seus estabelecimentos. Esses selos eram trocados mensalmente sob a pressão dos policiais para que os comerciantes pagassem em dia. De acordo com o delegado Marcos Aurélio Costa de Lima, que comandou a operação em Niterói, cada selo custava cerca de R\$ 200. (WERNECK, 2010)²⁹

Com a prisão de Moisés, a Vila Isabel passou a ser comandada interinamente pelo então superintendente e seu filho, Wilson da Silva Alves, também conhecido como Wilsinho. Uma dura e difícil missão a ser cumprida ainda na juventude:

Wilsinho assumia a agremiação aos 26 anos de idade. Ele tinha como missão manter a marca do empreendedorismo, característica da então gestão da Vila Isabel. Também chegava à presidência com o intuito de manter a escola no patamar das que sempre vinham disputando o título na Marquês de Sapucaí. Prova disso era que a Vila, naquele momento, figurava em terceiro lugar no ranking da LIESA. (VARELA, 2015, p. 147)

O enredo escolhido era patrocinado pela grande marca Pantene da transnacional Procter & Gamble, e fazia um retrato sobre os cabelos. *Mitos e histórias entrelaçados pelos fios de cabelo* intitulava a sinopse desenvolvida por Rosa Magalhães e Alex Varela. A marca fez apenas uma exigência, segundo o historiador:

[...] A única exigência feita pela empresa patrocinadora do carnaval foi a reserva de um espaço de destaque numa das alegorias para a modelo Gisele Caroline Bündchen. A *top model* número 1 demorou a confirmar. Depois de tanta indecisão, a loira confirmou. Gisele teve seu lugar reservado na última alegoria, aquele que dizia respeito às "Vênus" do século XXI. (VARELA, 2015, p. 151)

O interessante dessa informação é que a empresa exigiu a presença de sua garota-propaganda. Foi uma forma de garantir o *merchandising* no espaço midiático que se tornou o

²⁹ Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/policia-federal-prende-presidente-da-unidos-de-vila-isabel-acusado-de-integrar-mafia-dos-3024868#ixzz4DeWVdCkC>>. Acesso em 06 jul. 2016.

desfile das escolas de samba. E o enredo mais uma vez serviu como moeda de troca já que a Pantene fabrica produtos para os cabelos. A marca encontrou uma forma de divulgar seus produtos e valores num desfile de escola de samba que se tornou uma atração midiática vista globalmente. No carnaval, isso se tornou uma tendência cada vez mais presente. Varela (2015) critica essa linha temática:

[...] E, de fato, tanto para a carnavalesca como para o historiador, a escolha deste enredo foi um balde de água fria. Era um tema sem nenhum apelo cultural. Um mero tema caça-níquel, desses muito que começaram a surgir no carnaval em função da excessiva comercialização, característica contemporânea dos desfiles das escolas de samba. (VARELA, 2015, p. 152)

Para os entendedores de carnaval, a Vila Isabel fez um desfile apenas correto na Marquês de Sapucaí. O grande destaque foi a rápida adequação entre o estilo barroco e tradicional da Rosa Magalhães com a escola. Muito luxo nas fantasias e alegorias foi percebido. Destaque para a harmonia e evolução da escola que deram um show de canto. E a presença da Gisele Bündchen também chamou a atenção dos espectadores e da imprensa. Pela terceira vez seguida, a escola terminou em 4º lugar.

Wilsinho conseguiu se manter à frente da administração da escola depois de ter vencido as eleições na Vila Isabel ainda em abril de 2011, com uma chapa encabeçada por ele como presidente e Elizabeth Aquino (Dona Beta) como vice. Boa parte da equipe de carnaval se manteve, apenas houve a saída de mestre Átila da bateria para entrada de Wallan, cria da casa, e Paulinho, mestre experiente com passagem de sucesso pela Beija-Flor de Nilópolis.

A partir de uma sugestão do compositor Martinho, a Vila Isabel aceitou desenvolver um enredo sobre Angola. Segundo Varela (2015), Alex, ele e Rosa optaram por um caminho mais afro-brasileiro no enredo porque perceberam em suas pesquisas que a história antiga de Angola era mais interessante que a atual. Ao final, fizeram uma ligação entre a história e cultura de Brasil e Angola. O título do enredo era *Você semba lá... Que eu sambo cá - O canto livre de Angola*. O samba, composto por Arlindo Cruz, André Diniz, Evandro Bocão, Leonel e Arthur das Ferragens, foi aclamado pela crítica especializada e amantes do samba como um dos melhores do carnaval de 2012.

O desfile da Vila Isabel foi visto por muitos como arrebatador. Mesmo a escola enfrentando dificuldades na confecção de alegorias e fantasias por readaptação do projeto diante da falta de recursos, foi visto na avenida uma Angola multicolorida, volumétrica, vibrante, estampada e criativa. O samba superou tudo e todos ao transcender em seu

rendimento, foi o maior destaque. A escola chegou próximo ao sucesso de Kizomba e colocou seu desfile de 2012 no hall dos inesquecíveis de sua história e do carnaval.

Nesse ano, mais uma vez a Vila foi aclamada como campeã moral pelo público e pela imprensa, recebendo inúmeros Estandartes: escola, enredo, mestre-sala (Julinho), porta-bandeira (Rute), baianas e personalidade (Rosa Magalhães). Porém, os jurados não deram o título oficial para a escola do bairro de Noel que ficou com um 3º lugar.

Em 2013, a Vila Isabel manteve toda a equipe de carnaval e desenvolveu o enredo *A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo - Água no feijão que chegou mais um*, com patrocínio da empresa alemã transnacional BASF, *The chemical company*. O enredo trazia a figura do agricultor e a importância da atividade rural como fios condutores. O samba de Martinho da Vila, Arlindo Cruz, André Diniz, Leonel e Tunico da Vila foi considerado o melhor da safra de 2013 e tornou-se extremamente popular no período de pré-carnaval.

O desfile foi mais uma vez um sucesso com toda ajuda do samba que levantou as arquibancadas e contribuiu para o canto e evolução dos componentes. As alegorias e fantasias seguiram a marca da veterana Rosa Magalhães: muitos detalhes, bom acabamento e beleza cromática. A Vila Isabel conquistou o Estandarte de Ouro de melhor samba e saiu como vencedora do carnaval, confirmando seu favoritismo. Era o terceiro título da Unidos de Vila Isabel no grupo especial.

Logo após a ressaca do título, segundo Varela (2015), toda a equipe de carnaval se demitiu alegando falta de pagamentos e atraso de salários: Rosa Magalhães, Marcelo Misailidis, Tinga, Rute, Julinho, etc. Contrataram no lugar Cid Carvalho (carnavalesco), Marquinhos e Giovana (casal de mestre-sala e porta-bandeira), Gilsinho (intérprete), Tavinho Novello (diretor de carnaval), Alex Neoral (coreógrafo). O enredo escolhido foi *Retratos de um Brasil Plural*, sobre a ligação entre a natureza brasileira e sua cultura local, seu folclore.

O pré-carnaval 2014 foi o mais conturbado da Vila Isabel durante as gestões dos Vieira Alves. Varela (2015) afirmou que inúmeros problemas financeiros – falta de pagamentos a funcionários e dinheiro para confecção do carnaval; familiares - separação de Moisés e Rita de Cássia, briga entre Moisés e Wilsinho; e administrativos – demissão de Dona Beta, vice-presidente, por parte de Moisés; levaram a Vila Isabel para avenida com alas faltando fantasias e uma desorganização geral. Os únicos destaques do desfile foram o samba que rendeu bem, a bateria que fez sua parte e os componentes que mesmo na adversidade cantaram o samba com a garra de quem queria permanecer no especial. A escola terminou melancolicamente em 10º lugar.

O pós-carnaval também não foi tranquilo. Moisés, então presidente de honra, declarou, segundo matéria do site SRZD no dia 11 de março de 2014³⁰, que iria concorrer à presidência da Vila Isabel. Porém, Varela (2015) afirma que, em plenária realizada extraordinariamente na quadra da Vila em 2 de abril de 2014, Capitão Guimarães solicitou novas eleições, comprou briga contra Moisés e declarou apoio à chapa encabeçada por Dona Beta como noticiou o site O DIA online em 15 de abril de 2014:

A dinastia da família Alves na Vila Isabel ruiu de vez. Ainda nesta semana, o atual presidente da escola, Wilson da Silva Alves, o Wilsinho, deve renunciar ao cargo. Seu pai, o ex-presidente Wilson Vieira Moisés, que era líder em uma chapa concorrente à de Elizabeth Aquino, Dona Beta, também vai desistir da candidatura. A reviravolta chega uma semana após a Liesa confirmar que as dívidas da azul e branco são superiores a R\$ 5 milhões. [...]

Há 10 dias, uma assembleia extraordinária na agremiação, com a presença do ex-presidente da escola, Ailton Guimarães Jorge, o Capitão Guimarães, e o diretor da Liesa, Coronel Hélio, tornou pública a crise financeira da Vila. Só para fornecedores, o débito ultrapassa a casa dos R\$ 5 milhões. Em matéria divulgada pelo **DIA** em março, a agremiação já colecionava 42 pendências comerciais no Serasa e nove títulos protestados.

Durante a assembleia, o Capitão Guimarães, que foi o grande mentor de Moisés, declarou total apoio à Dona Beta. “O atual presidente, Wilsinho, é um garoto que conhece pouco de carnaval, não serve pra administrar. Meu apoio é para Beta, da comunidade, uma pessoa que tem condições de resolver os problemas administrativos, que não são poucos”, declarou Guimarães. (FERNANDES, 2014)³¹

Alguns dias depois, Wilson Vieira Alves (Moisés) retirou sua chapa das eleições, alegando problemas pessoais e mais atenção à sua nova família, em carta aberta. A chapa de Dona Beta foi a única registrada e eleita por aclamação em 2014.

Assim, findou a era Vieira Alves na Unidos de Vila Isabel. Foram 10 anos e carnavais marcados por ascensão ao grupo especial, manutenção na elite, conquista de 2 campeonatos e diversos prêmios, 7 voltas aos desfiles das campeãs, profissionalização da confecção e preparação para os desfiles, investimentos na construção de nova quadra e diversos carnavais de cunho autoral, administração racional e moderna, desenvolvimento de projetos sociais e culturais importantes para comunidade, entre outras coisas. A Vila Isabel, durante as três

³⁰Disponível em

<<http://www.sidneyrezende.com/noticia/226064+exclusivo+moises+alves+confirma+que+e+candidato+a+presidencia+da+vila+isabel>>. Acesso em 06 jul. 2016.

³¹ Disponível em <<http://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2014-04-15/dividas-destroam-cla-dos-alves-na-vila-isabel.html>>. Acesso em 06 jul. 2016.

gestões Alves – duas de Moisés (2006-2008; 2008-2011) e uma de Wilsinho (2011-2014) -, se tornou uma superpotência do carnaval carioca. Foi a época mais gloriosa da azul-e-branco do bairro de Noel. Já Luciano Ferreira, ex-presidente da escola (2015-2016) considera esse período como o de mudanças mais significativas dentro da agremiação:

A principal mudança foi a vinda de Moisés que foi um presidente muito importante pra Vila Isabel porque ele deu uma cara nova. Precisava, naquele momento, de um gestor que mudasse o rumo da Vila Isabel. E ele foi o responsável pela mudança da escola. Ele fez uma transformação administrativa na escola. Fez belos carnavais... Iniciou com *Singrando os Mares* [2005], no qual o Bocão era o presidente e ele, superintendente. E logo após, no primeiro mandato dele, em 2006, a Vila foi campeã... *Soy loco por ti, América*. Então ele foi muito importante para o crescimento da Vila Isabel. Hoje a Vila é uma escola muito forte dentro do contexto do carnaval, uma das principais agremiações. Só que ela estava desgastada, muito desgastada. Como disse, as administrações, né?! E o Evandro [Bocão] iniciou o processo de união, de juntar a comunidade, levar a comunidade para assumir responsabilidades porque é muito importante a comunidade estar inserida dentro do desfile. Essa foi até a diferença como presidente... Então, Moisés foi a grande mudança que a escola precisava ter. (FERREIRA, 2016)³²

Com tudo isso, podemos perceber que a Unidos de Vila Isabel, além de ser uma instituição dinâmica com origens na cultura popular e que se desenvolveu a partir da interação com sua comunidade, integrando-se cada vez mais à lógica industrial e profissional dos desfiles, é um espaço de tradições, de manifestações artísticas, culturais e políticas que dão solidez à sua história. Isso confirma o que Hall (2013) defende sobre cultura popular como espaço de luta, negociações, acordos, desacordos e tensões entre os blocos de poder (empresas, poder público e meios de comunicação) e as forças populares (comunidade da escola).

³² Parte de entrevista concedida por Luciano Ferreira para este trabalho. Mais detalhes em Apêndice II.

4 UMA TRADIÇÃO EM MOVIMENTO – OS DESFILES DA UNIDOS DE VILA ISABEL EM 3 ATOS

4.1 SONHO DE UM SONHO (1980)

Para entendermos quais foram as principais mudanças presentes nos desfiles da Unidos de Vila Isabel ao longo das décadas, escolhi três anos importantes para a história da escola de acordo também com o contexto em que cada um ocorreu: Sonho de um Sonho (1980) é o primeiro deles. A escola do bairro de Noel Rosa foi a terceira a desfilar na noite de domingo de carnaval, 17 de fevereiro de 1980.³³

O samba, composto por Martinho da Vila, Rodolpho e Graúna, era baseado em um poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade e tinha os seguintes versos:

Sonhei/ Que estava sonhando um sonho sonhado/ O sonho de um sonho/ Magnetizado/ As mentes abertas/ Sem bicos calados/ Juventude alerta/ Os seres alados/ Sonho meu/ Eu sonhava que sonhava/ Sonhei/ Que eu era o rei que reinava como um ser comum/ Era um por milhares, milhares por um/ Como livres raios riscando os espaços/ Transando o universo/ Limpando os mormaços/ Ai de mim/ Ai de mim que mal sonhava/ Na limpidez do espelho só vi coisas limpas/ Como uma lua redonda brilhando nas grimpas/ Um sorriso sem fúria, entre o réu e o juiz/ A clemência e ternura por amor da clausura/ A prisão sem tortura, inocência feliz/ Ai meu Deus/ Falso sonho que eu sonhava/ Ai de mim/ Eu sonhei que não sonhava/ Mas sonhei³⁴

O tema, "apesar de não ser explicitamente crítico ao regime, trazia em seu samba de enredo passagens contundentes para o período" (SILVA, 2014, p. 56) de ditadura civil-militar que perdurava no Brasil naquele ano, como nos versos: "[...] As mentes abertas/ Sem bicos calados/ Juventude alerta/ [...] Um sorriso sem fúria, entre o réu e o juiz/ [...] A prisão sem tortura, inocência feliz [...]"

Sobre o enredo e o samba, na época, um foi visto como temática que se tornou recorrente nos desfiles daquele período em que a Vila Isabel foi uma das pioneiras a implantar; já outro foi recebido pelo público com certo receio por ser ousado demais e ter

³³ Mais detalhes técnicos do desfile presentes no Quadro 1, em Anexo I.

³⁴ Letra disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1980/11/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

versos complicados de entender e cantar. Assim destacou O Globo em 16 de fevereiro de 1980:

A Vila, segundo Martinho, nunca teve dificuldades com enredos baseados em temas "do imaginário". Com "Carnaval de Ilusões", "Invenção de Orfeu" e até "Iaiá do Cais Dourado" - enredos de 1967, 1976 e 1969, pela ordem -, a escola foi uma das primeiras a trazer para o carnaval enredos de livre criação a partir de obras literárias. Curiosa, no entanto, ele lembra, tem sido a grande incidência desse tipo de temas em 1980.

- Parece que, de repente, os carnavalescos ficaram saturados de idealizar fatos históricos e concretos para os desfiles das escolas de samba e passaram a buscar inspiração no sonho, na ilusão, no imaginário. A Vila, não sei bem por quê, sempre teve tendência para esse tipo de enredo. Obras literárias também [...]

Adaptar Carlos Drummond de Andrade foi, para Martinho, tarefa das mais difíceis quanto à interpretação do original [...] Ele diz que a letra que fez a partir dessa interpretação gerou várias críticas quanto à falta de coerência dos versos [...]

- O problema da reação das pessoas quando o "sonhei que estava sonhando um sonho sonhado" acontecia porque poucos conhecem o poema de Drummond e não sabem que ele se refere a três sentidos da palavra *sonho* [...] Não é maluquice minha, ou falta de vocabulário para fazer um verso, como muita gente disse, com ironia. Tampouco musiquei os versos originais dele, apenas tratei de falar de um jeito simples o que Drummond disse literariamente.³⁵

O interessante nesse episódio de toda a polêmica em torno da Vila em 1980 é que as inovações no samba foram recebidas com cautela ou crítica pelo público. Mas, durante o desfile, elas funcionaram muito bem. Um dos comentaristas, na transmissão da Rede Globo, destacou que, apesar do samba ser difícil, vários componentes da escola o cantaram forte de ponta a cabeça, esboçando reações das arquibancadas. A ousadia e simplicidade dos versos e da musicalidade de Martinho da Vila foi questionada no pré-carnaval, porém todas as dúvidas foram postas em terra durante a evolução da escola na avenida Marquês de Sapucaí. Como resultado, a Vila Isabel recebeu o Estandarte de Ouro de melhor samba, o primeiro da escola nessa categoria.

Quanto ao enredo, a escola já tinha um certo costume em tratar temáticas de cunho idealista, imaginário ou literário. Porém, o comentarista Macedo Viana Filho, da Rede Globo, afirmou na transmissão que o sonho retratado era muito comportado, apenas com o mesmo espírito do poema de Drummond. Também sentiu falta de um pouco mais de ousadia dos sonhos mais delirantes.

³⁵ Publicada na página 27, editoria Cultura, em 16 fev. 1980, edição matutina de *O Globo*.

A partir de imagens televisionadas do desfile encontradas, percebemos que a Vila Isabel sonoramente veio com uma bateria firme, sem paradinhas, bossas ou convenções. A evolução da escola estava solta, sem alas emboladas, com componentes que brincavam carnaval e demonstravam alegria de estar ali. Esteticamente, optou por uma linha mais tradicional em suas fantasias e alegorias. Materiais simples foram usados para confeccionar os figurinos e adereços, sem falar no grande predomínio do azul e branco, cores da escola, além do prata. Isso tudo também foi lembrado pelos comentaristas durante transmissão da TV.

Vale destacar que as transmissões televisivas, no caso a da Rede Globo para o carnaval de 1980, podem ser classificadas como *não-linear*. Nesse tipo de transmissão não existe uma linha narrativa, são destacadas imagens que garantem o espetáculo. "Estes são os preceitos que norteiam a transmissão dos desfiles de forma não-linear. Cada carro alegórico, cada fantasia, cada baiana e passista seriam conjuntos que se auto-explicam e se tornam atraentes por si sós" (VALENÇA, 2003, p. 25).

Observamos também, na transmissão, imagens da utilização de vários tripés alegóricos para contar o enredo; apenas uma ala com adereço de mão de proporções altas, causando um lindo efeito; e a decoração especial da avenida que foi destaque por muitos anos no carnaval carioca. Vale ressaltar o fato dos desfiles de 1980 terem acontecido na Marquês de Sapucaí antes da construção da Passarela do Samba em 1984. Pelas imagens, percebemos como as proporções dos figurinos, alegorias e adereços são condizentes com a estrutura de arquibancadas montáveis que eram mais baixas.

No geral, a Unidos de Vila Isabel fez um desfile bem avaliado pela crítica, em que o samba foi surpresa, a bateria cumpriu seu papel com maestria, a evolução e harmonia da escola contagiaram as arquibancadas e o enredo, contado nas alegorias e fantasias, seguiu uma linha mais tradicional, contrastando com a ousadia do samba. Na quarta-feira de cinzas, a Vila Isabel encerrou o carnaval com 3 Estandartes de Ouro (bateria, samba e personalidade masculina – Trambique) e o 2º lugar do grupo 1A com 88 pontos, atrás das campeãs (Imperatriz, Beija-Flor e Portela) e empatada com Mocidade e União da Ilha.

4.2 KIZOMBA, FESTA DA RAÇA (1988)

O segundo desfile em análise deste trabalho aconteceu, em 15 de fevereiro de 1988, segunda de carnaval, sendo a sexta escola a desfilar na Passarela do Samba. Num ano simbólico, pois era o centenário da Abolição da Escravatura, as escolas de sambas trouxeram

enredos com temáticas que remetiam à negritude e história afro-brasileira. A Vila Isabel não ficou de fora dessa linha.³⁶

O enredo foi sugerido e escrito, pela primeira vez, por Martinho da Vila. Já o samba-enredo conseguiu manter a linha ou estilo ousado dos tradicionais sambas da escola: versos simples e curtos, melodia suave e poesia pautada na beleza singela sem deixar de ser um manifesto da miscigenação e do canto de uma(s) raça(s). Foi composto pela parceria de Luiz Carlos da Vila, Jonas e Rodolpho:

Valeu Zumbi!/ O grito forte dos Palmares/ Que correu terras, céus e mares/
Influenciando a abolição/ Zumbi valeu!/ Hoje a Vila é Kizomba/
É batuque, canto e dança/ Jongo e maracatu/ Vem menininha pra dançar o caxambu/
Ôô, ôô, Nega Mina/ Anastácia não se deixou escravizar/
Ôô, ôô Clementina/ O pagode é o partido popular/
O sacerdote ergue a taça/ Convocando toda a massa/ Neste evento que congraça/
Gente de todas as raças/ Numa mesma emoção/ Esta Kizomba é nossa Constituição/
Que magia/ Reza, ajeum e orixás/
Tem a força da cultura/ Tem a arte e a bravura/ E um bom jogo de cintura/
Faz valer seus ideais/ E a beleza pura dos seus rituais/ Vem a lua de Luanda/
Para iluminar a rua/ Nossa sede é nossa sede/ De que o "apartheid" se destrua³⁷

A temática abordada pela Unidos de Vila Isabel nesse carnaval era condizente com o contexto social, político e histórico daquele ano. A década de 1980 foi marcada por uma série de movimentos, como o "Diretas Já", a favor do fim da ditadura civil-militar que vigorou no Brasil por um pouco mais de 20 anos; de resistências e criação de entidades do movimento negro; e a chegada dos centenários da Abolição da Escravatura e da República que traziam à tona preocupações e questões étnico-raciais ou político-sociais. Por isso, *Kizomba* foi uma proposta que tinha o objetivo de aproveitar a visibilidade de uma festa - com raízes na cultura afro-brasileira, popular, e que se tornou espetacular - para fazer valer toda a discussão em torno dessa temática:

O enredo "Kizomba – A festa da Raça" emerge no mesmo ano em que o movimento negro ganhava espaço na discussão político-social da redemocratização. Durante aquele ano houve um reposicionamento das organizações civis quanto à questão racial, já que o período de ditadura civil-militar havia praticamente banido a discussão pública sobre o tema. A dificuldade de articulação durante os anos de vigência

³⁶ Mais detalhes técnicos do desfile presentes no Quadro 2, em Anexo I.

³⁷ Disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1988/11/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

do comando militar ocorria pela forte atuação do Estado e contra as ambições combativas e de luta do movimento (SILVA, 2014, p. 59).

Na sinopse do enredo, Martinho da Vila explica que o termo *Kizomba* tem origem na língua angolana kimbundo e significa grande festa de confraternização:

Kizomba é uma palavra do Kimbundo, uma das línguas da República Popular de Angola.

A palavra Kizomba significa encontro de pessoas que se identificam numa festa de confraternização.

Do ritual da Kizomba fazem parte inerentes o canto, a dança, a comida, a bebida, além de conversações em reuniões e palestras que objetivam a meditação sobre problemas comuns.

A nossa Kizomba conclama uma meditação sobre a influência negra da cultura universal, a situação do negro no mundo, a abolição da escravatura, a reafirmação de ZUMBI DOS PALMARES como símbolo de liberdade do Brasil. Informa-se sobre líderes revolucionários e pacifistas de outros países, conduza-se a uma reflexão sobre a participação do negro na sociedade brasileira, suas ansiedades, sua religião e protesta-se contra a discriminação racial no Brasil e manifesta-se contra a apartheid na África do Sul, ao mesmo tempo que come-se, bebe-se, dança-se e reza-se, porque, acima de tudo Kizomba é uma festa, a festa da raça Negra.³⁸

O enredo pretendeu ser um grande manifesto miscigenado em que se reafirma figuras negras importantes na história de resistência do Brasil, questiona a abolição no país e qualquer regime racista, velado ou não, como o Apartheid na África do Sul, entre outros. Segundo Eduardo Silva (2014), a ideia surgiu a partir da realização de um projeto homônimo ao enredo da Vila Isabel, organizado por Martinho e Ruça, que continha a presença de inúmeros artistas de países africanos, além dos brasileiros, estreitando os laços num intercâmbio cultural que resultou no "Primeiro Encontro Internacional de Artes Negras" em 1984.

Além de toda a preocupação da conjuntura político-social, o enredo também foi adaptado artisticamente para as condições da Unidos de Vila Isabel naquele momento, que estava sem quadra e com poucos recursos. Martinho procurou por um carnavalesco que se apaixonasse pela ideia:

[...] Que pra fazer esse enredo eu primeiro tive a ideia. E como ele era uma coisa bem diferente, então queria alguém que comprasse bem a minha ideia. Então eu entrevistei vários carnavalescos... Que todo carnavalesco quer fazer enredo em uma escola grande, essa é a

³⁸ Disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1988/11/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

verdade. Gostando do tema ou não ele quer é fazer. Mas eu não queria isso, eu queria alguém que se apaixonasse muito pela ideia. Conversei com vários e tal. E depois apareceu Miltinho Sequeira que era um dos menos famosos da época. Mas ele se encantou e eu vi o brilho nos olhos dele quando eu falei da ideia [...] DA VILA (2013 apud SILVA, 2014, p. 65)

Milton Siqueira foi contratado para desenvolver a parte estética da escola, mais tarde Paulo César Cardoso e Ilvamar Magalhães chegaram para auxiliá-lo. A Vila Isabel apresentou um desfile que foi uma grande revolução estética porque conseguiu ir em direção à proposta do enredo e ao mesmo tempo adequar o projeto para as condições financeiras da escola, valorizando os quesitos de "chão", como samba, bateria, evolução e harmonia. Isso tudo num período em que as escolas de samba estavam cada vez mais investindo pesado no luxo exagerado e encarecendo seus carnavais com apoio e dependência maior de patronos.

A partir das imagens da transmissão da Rede Globo, observamos a diversidade de materiais baratos com os quais foram feitas as fantasias e alegorias: muitas palhas, estopas, esteiras, sisal, estampas africanas e penas baratas sem brilho de paetês ou adereços mais caros. As proporções das esculturas, alegorias e tripés aumentaram, comparadas com as de 1980, principalmente em número total e altura, além da diversidade de cores e materiais. *Kizomba* criou uma nova tendência estética dentro do estilo da Vila Isabel e do carnaval carioca:

Essa proposta de carnaval que abusava da simplicidade e da criatividade marcou o carnaval de 1988 na Vila Isabel, pois também predominaria nos anos de 1989 e 1990. A proposta estética de desfile passava pela utilização de uma pobreza propositada, o que causava estranheza nas pessoas que passavam pelo barracão da escola. Ruça define que a estética era referente ao "tosco", o que num universo carnavalesco habituado ao luxo causava estranheza. (SILVA, 2014, p. 70)

Essa mudança estética proposta pela Vila Isabel em 1988 trouxe novamente à luz o grande duelo que dá dinamismo, segundo Cavalcanti (1994), para os desfiles das escolas do Rio de Janeiro: visual versus samba. Fica claro que *Kizomba* foi uma opção visual proposital para enquadrar a escola dentro do enredo e das condições financeiras escassas.

Enquanto isso, a bateria – comandada pela primeira vez por mestre Mug - optou por um caminho mais tradicional, destacando as marcas rítmicas da Vila Isabel com cadência, precisão, sem paradas ou bossas, e garantindo o crescimento no rendimento do samba com ajuda da interpretação segura de Gera. Se for comparada ao desempenho de 1980, a bateria foi um dos segmentos com menos mudanças no estilo, mesmo que os mestres sejam distintos.

Já, nos segmentos coreografados, foi possível perceber uma mudança significativa na comissão de frente. Em 1980, vários homens da comunidade vestidos de terno branco e com requinte abriam o desfile formando uma espécie de barreira apresentando a escola. Em 1988, ano de Kizomba, homens da comunidade continuam sendo protagonistas, porém vestidos de guerreiros africanos, com lança e escudos estilizados, executando uma coreografia de alusão à garra e defesa da escola. Já o casal de mestre-sala e porta-bandeira apresentou menos mudanças, com bailado mais espontâneo do que coreografado.

O visual também conseguiu valorizar uma das evoluções mais aguerridas da história, em que o componente brincava e pulava incessantemente cantando com toda a força o samba, parecendo até que haviam incorporado os personagens que representavam no enredo:

[...] A gente começou a sentir uma estranha sensação, era como se aquelas pessoas que iam entrando na pista de desfiles no Sambódromo estivessem tocadas por alguma forma de magia.

Só podia ser coisa dos orixás que chegaram por estas praias no dia em que o primeiro navio negreiro aportou em território americano. Até quem não acredita nestas coisas, como eu, podia jurar pelo que fosse. Mas a verdade é que ali, na pista, dava pra ver, dava pra sentir: em pleno Rio de Janeiro, aquelas pessoas desfilando pela Vila Isabel tinham deixado de existir. Não eram mais elas mesmas, e sim os personagens do enredo nascido e criado pelo talento de Martinho da Vila.

Rainhas e reis africanos tomaram o corpo e a mente dos moradores do morro dos Macacos. [...]” (ALBUQUERQUE, 1988)³⁹

O tom emotivo nas edições impressas dos jornais e na transmissão televisiva dos desfiles dominou as análises e opiniões sobre *Kizomba*, confirmando, portanto, como esse desfile ganhou status de momento único e histórico das escolas de samba.

Durante a transmissão da TV Globo, em diversos momentos, as falas dos principais comentaristas – entre eles, Sérgio Cabral, Lecy Brandão, Jorge Aragão - eram de exaltação e elogios ao samba, ao Martinho, à garra da comunidade de Vila Isabel e à revolução estética de pouco brilho e luxo apresentado pela escola. Em contraposição, existia também a narração e a atuação de repórteres mais isentas do tom emotivo.

No carnaval de 1988, a TV Globo optou em fazer uma transmissão que dava sinais de mudanças com a valorização da descrição do desfile de acordo com o enredo desenvolvido pela escola. Era o modelo que Valença (2003) chama de *linear* – em que a edição é fator

³⁹ Retirado da matéria *Vila Isabel sai da avenida para entrar...* publicada na página 6, do Primeiro caderno, editoria Rio, em 17 fev. 1988, na edição matutina do jornal *O Globo*.

determinante para preservar a roteirização do enredo. Percebemos também um aumento no número de entrevistas durante a concentração da escola, exibição de vinheta do samba e imagens do barracão com narração explicando o enredo. Esses são alguns elementos introduzidos na transmissão de 1980 até 1988.

Considerado um momento histórico, a consagração de *Kizomba* com vários Estandartes de Ouro e como o primeiro título da Unidos de Vila Isabel dominou as notícias depois da apuração, como destacado na parte de duas matérias do jornal *O Globo*:

Assim que a vitória da Vila Isabel foi anunciada pela televisão, que transmitia ao vivo do Maracanãzinho, os moradores do bairro saíram de suas casas e apartamentos para ocuparem o Boulevard 28 de setembro. A escola não tem quadra de ensaio e, por isso, esta principal avenida de Vila Isabel transformou-se em palco da festa da vitória comemorada com alegria e muito chope. O cruzamento da 28 de setembro com a rua Visconde de Abaeté foi logo tomado pela multidão de foliões que começaram a cantar o samba da escola e a ressaltar a importância da vitória. Dos prédios desciam papéis picados, pessoas passaram a dançar sobre a marquise e bandeiras da Vila Isabel, nas cores azul e branco, passaram a ser agitadas pelas crianças. A escola comemorou, assim na rua, a vitória sobre a Mangueira.⁴⁰

Com muita animação e a certeza de vitória, milhares de pessoas comemoraram anteontem à noite na Avenida 28 de setembro, em Vila Isabel, os cinco Estandartes de Ouro que a escola ganhou. A Unidos de Vila Isabel foi escolhida pelos jurados do Globo como a melhor escola de 1988. Também venceu nas seguintes categorias: melhor samba-enredo, melhor bateria, melhor enredo, melhor ala das crianças.⁴¹

Nessas duas matérias observamos a euforia que tomou conta da comunidade de Vila Isabel desde o anúncio dos ganhadores do Estandarte de Ouro em 1988 e o fato da escola estar sem quadra de ensaios tornou a 28 de setembro o principal ponto de encontro dos torcedores, simpatizantes, componentes e segmentos da Vila.

Portanto, a Unidos de Vila Isabel se consagrou com seu primeiro título - *Kizomba, Festa da Raça* - em 1988, Centenário da Abolição. A consolidação da escola entre as grandes do Rio se construiu ao longo da década de 1980 e culminou na apresentação desse desfile que é considerado por muitos amantes, críticos do meio e até pela imprensa como um fora de série e um dos melhores da Passarela do Samba:

⁴⁰ Retirada de matéria *No velho Boulevard, a festa da vitória*, na página 9 do Primeiro Caderno, editoria Rio, edição matutina de 18 fev. 1988.

⁴¹ Retirada de matéria *Comemoração começou com Estandartes*, na página 9 do Primeiro Caderno, editoria Rio, edição matutina de 18 fev. 1988.

Na madrugada de terça-feira, em pleno Sambódromo, a História fez uma das suas: guardou zelosa e carinhosamente para a eternidade o desfile da Vila Isabel. Quem viu, viu. Quem não viu, bem feito, vai passar o resto da vida ouvindo falar do sublime momento em que Martinho da Vila foi reconhecido e aclamado pelo próprio povo como um dos seus poetas maiores. Se, por acaso, popular e negro, tanto melhor. Seu enredo "Kizomba, festa da raça" tornou-se símbolo maior do centenário da Abolição. (ALBUQUERQUE, 1988)⁴²

4.3 A VILA CANTA O BRASIL CELEIRO DO MUNDO - ÁGUA NO FEIJÃO QUE CHEGOU MAIS UM (2013)

O terceiro e último desfile em análise aconteceu no dia 11 de fevereiro de 2013, segunda-feira, sendo a 6ª escola a desfilar na Passarela do Samba, encerrando o carnaval. Esse desfile ocorreu 25 anos depois de *Kizomba, Festa da Raça* e 33 anos de *Sonho de um Sonho*. Muitos anos se passaram e muitas coisas nos desfiles também mudaram.⁴³

O samba-enredo foi escrito por uma parceria de compositores, considerada "galáctica" na época, formada por Martinho da Vila, Arlindo Cruz, André Diniz, Leonel e Tunico da Vila. Os dois primeiros estão entre os mais populares e reconhecidos compositores ou músicos do mundo do samba, o terceiro é o maior ganhador de concurso de samba-enredo da ala de compositores da Vila, o quarto é um forte parceiro do André e o último é filho de Martinho. Este samba tem características que remetem ao estilo da Vila Isabel – letra leve, melodia suave e estrutura arrojada -, numa perfeita sintonia entre o modo clássico de compor e a ousadia contemporânea de inserir termos regionais dentro do espírito do enredo, além do refrão principal que ao se repetir se torna distinto em sua letra. Foi o mais popular do carnaval de 2013 e considerado o melhor por muitos críticos de desfiles. Abaixo os versos do samba:

O galo cantou/ Com os passarinhos no esplendor da manhã/ Agradeço a Deus por ver o dia raiar/ O sino da igreja vem anunciar/ Preparo o café, pego a viola, parceira de fé/ Caminho da roça e semear o grão.../ Saciar a fome com a plantação/ É a lida.../ Arar e cultivar o solo/ Ver brotar o velho sonho/ Alimentar o mundo, bem viver/ A emoção vai florescer/ Ô muié, o cumpadi chegou/ Puxa o banco e vem prorear/ Bota água no feijão/ Já tem lenha no fogão/ Faz um bolo de fubá/ Pinga o suor na enxada/ A terra é abençoada/ Preciso investir, conhecer/ Progredir, partilhar, proteger.../ Cai a tarde, acendo a luz do lampião/ A lua se ajeita, enfeita a procissão/ De noite, vai ter cantoria/

⁴² Retirada de matéria *Vila Isabel sai da avenida para entrar...* publicada na página 6, do Primeiro caderno, editoria Rio, em 17 fev. 1988, na edição matutina do jornal *O Globo*.

⁴³ Mais detalhes técnicos do desfile presentes no Quadro 3, em Anexo I.

Está chegando o povo do samba/ É a Vila, chão da poesia, celeiro de bamba/ Vila, chão da poesia, celeiro de bamba/ Festa no arraiaí/ É pra lá de bom/ Ao som do fole, eu e você/ A Vila vem plantar/ Felicidade no amanhecer/ Festa no arraiaí/ É pra lá de bom/ Ao som do fole, eu e você/ A Vila vem colher/ Felicidade no amanhecer⁴⁴

O enredo desenvolvido pela carnavalesca Rosa Magalhães era patrocinado pela multinacional de produtos químicos agrícolas, a alemã BASF – *The chemical company*. Como já destacado nos dois capítulos anteriores, esse tipo de enredo foi uma grande e recente mudança pela qual os desfiles e as escolas de samba do Rio passaram como meio de aumentar suas receitas para realização de carnavais cada vez mais caros, tornando-os espaços midiáticos e publicitários. A solução encontrada pela carnavalesca e pelo historiador Varela, autores do enredo, foi construir uma sinopse alternando momentos de prosa e outros de versos em que se exaltaria a moda de viola, o sertanejo, o modo de vida e costumes campestres brasileiros:

Em 2013, optou por exaltar a agricultura e o cotidiano do campo brasileiro, visão idílica, sem entrar em qualquer questão política. Pedia mais água no feijão para servir à mesa cheia, retrato de um país acolhedor que prospera com seus grãos entre ranchinhos, porteiras e erres puxados. Para tal empreitada, recebeu gordo patrocínio de uma empresa de defensivos agrícolas, o que garantiu saúde financeira para uma boa preparação do carnaval de 2013. Rosa e sua equipe deram baile no desenvolvimento de algo que seria aparentemente apenas soja, milho, arroz, feijão e mandioca, entendendo com sensibilidade o cotidiano rural do caipira brasileiro. (FABATO et al., 2014, p. 168)

Esteticamente, Rosa Magalhães preferiu realizar um carnaval em que a beleza da simplicidade se sobressaísse dentro dos moldes dos desfiles contemporâneos. A partir das imagens televisionadas da Rede Globo, percebemos que a Vila Isabel trouxe fantasias de leitura fácil, com volumes e leveza, permitindo que o componente evoluísse bem na avenida. Os materiais utilizados como adereços de fantasias são variados, desde os mais simples como espumas com tratamento e pintura até plumas e penas mais caras. No conjunto, observamos também a opção por uma escala cromática bastante variada e agradável aos olhos, mas sem rigor pelas cores tradicionais da escola – tão característico do desfile de 1980.

Com relação às alegorias, muitas mudanças aconteceram se comparadas com os outros dois desfiles - 1980 e 1988. As dimensões alegóricas se agigantaram principalmente devido aos inúmeros aumentos de receitas e gastos, que permitiram maiores investimentos nesse

⁴⁴ Disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/2013/11/>>. Acesso em 12 jul. 2016.

questo; às transmissões televisivas que deram mais valor aos quesitos de aspecto visual; à construção do Sambódromo que elevou as arquibancadas; e da Cidade do Samba que permitiu um espaço de produção de carnaval bem maior, em que esculturas e adereços mais impactantes fossem criados. Outras mudanças importantes e perceptíveis foram a criação e utilização de carros acoplados, dobrando ou triplicando o comprimento das alegorias, além dos movimentos nas esculturas, criados e realizados manualmente por artistas de Parintins-AM desde o final dos anos 1990.

A bateria da Vila Isabel sempre teve como característica o bom andamento, a cadência e nenhuma paradinha ou bossa. Os desfiles de 1980 e 1988, anos em que a escola ganhou Estandarte de Ouro de bateria, são uma prova disso. Porém, em 2013, a *Swingueira de Noel* entrou na tendência contemporânea de realizar muitas bossas e paradinhas. No início do desfile, percebemos que o andamento estava acima do normal e foi ajustado aos poucos pelos ritmistas até chegar ao padrão - que, se comparado ao da década de 1980, é considerado acelerado e pouco equilibrado. Mesmo assim, a bateria da Vila em 2013 ajudou o samba a ter ótimo rendimento durante o desfile. A fala de Mestre Mug, a seguir, é um exemplo de como o segmento de bateria mudou bastante ao longo das décadas, ainda mais numa escola tradicional e do porte da Vila. Ele demonstrou não ser muito favorável às mudanças:

É o que estou te falando. As coisas vão mudando... Eu peguei uma época, peguei o Valdinero da Mangueira, peguei Mestre Marçal da Portela, peguei o Mestre André da Mocidade. Sou um cara que já vim com um passado. E agora a maioria dos diretores de bateria são tudo moleque novo. Pra mim, não é mestre, são diretores. Mestre é eu, Odilon, Paulinho que faz tudo na escola. Agora tá assim, os moleques novos estão mudando, mas eles não fazem o que nós fizemos... Agora bateria não tem... Antigamente, tinha uma característica própria. Agora faz uma paradinha outro quer fazer, faz uma virada outro vira ali. Nunca vão chegar... (AMARAL, 2016)⁴⁵

A partir das imagens televisionadas da Rede Globo, também vemos que a evolução das escolas ganhou maior rigor disciplinar dos componentes. Por exemplo, hoje existem fileiras, no início e no fim de cada ala, evitando que uma se embole em outra, o que ocasionaria a perda de pontos. No caso da Unidos de Vila Isabel, que é uma escola de samba com ampla presença e apoio de sua comunidade e que realiza intensos ensaios no período de pré-carnaval, a evolução tem ao mesmo tempo esse rigor, mas com liberdade àqueles que

⁴⁵ Parte de entrevista concedida por Mestre Amadeu Amaral para este trabalho. Mais detalhes em Apêndice I.

estão no meio das alas. Comparado aos anos de 1980 e 1988, os desfiles contemporâneos em sua maioria são menos soltos, devido ao rigor disciplinar, aumento no peso de fantasias e, em alguns casos, exagero de coreografias.

Em busca de adequação dos desfiles à linguagem televisiva, as escolas de samba passaram a apostar muito na tendência de teatralização com investimentos em coreografias, principalmente depois da chegada do estilo Paulo Barros ao grupo especial do Rio de Janeiro. As comissões de frente ganharam uma dimensão espetacular com coreografias complexas, introdução de mini-alegorias ou tripés em suas apresentações, truques de ilusionismo e controle eletrônico de alguns elementos. Já os casais de mestre-sala e porta-bandeira passaram a introduzir novos elementos coreográficos, até mesmo de outros estilos musicais, em meio ao bailado tradicional. A ala das baianas, com fileiras, agora realiza passos marcados: todas girando na execução do refrão. Existem também as alas coreografadas e "carros vivos" com presença de muitos integrantes sincronizados e usando seus corpos para causar efeitos visuais. Todas essas modificações, também perceptíveis no desfile de 2013 da Vila Isabel, são vistas por Valença (2003) como consequência da valorização do visual diante o canto e dança, que são difíceis de reproduzir na TV, transformando a expressão corporal⁴⁶ numa quarta linguagem dos desfiles:

[...] As encenações em desfile trazem para a discussão uma interessante constatação: são muito mais adequadas ao público que assiste aos desfiles pela TV do que para os presentes à Marquês de Sapucaí. A representação de pequenas cenas não tem o mesmo efeito para o público que acompanha o desfile ao vivo, que quase sempre tem a compreensão de cena prejudicada pela evolução da escola. De acordo com o andamento do desfile, é possível que determinada cena se inicie em um setor da Avenida e só vá ser concluída em outro, prejudicando o entendimento do público [...]

No caso das escolas de samba, esta teatralização, busca mais do que nunca agradar a dois públicos distintos, que têm visões diferentes dos desfiles: o presente à Marquês de Sapucaí e o que está em casa, assistindo ao espetáculo pela TV [...] (VALENÇA, 2003, p. 34-35)

Outro ponto a destacar como mudança nos desfiles é a presença forte de celebridades na rotina de preparação e apresentação das escolas de samba. Buscando visibilidade, muitas aparecem somente nos ensaios técnicos do sambódromo e no desfile oficial, outras são mais

⁴⁶ Valença (2003) atribui a utilização desse termo ao jornalista Cláudio Vieira que, em um artigo publicado pelo jornal O Dia em 14 fev. 2001, entende como uma modificação trazida pela TV em substituição ao samba-enredo já que o canto perde força devido ao alto som dos amplificadores do Sambódromo e da difícil reprodução na TV.

dedicadas e se envolvem com a escola ao longo de todo ano. No desfile da Vila Isabel de 2013, percebemos a valorização das figuras célebres ao dedicarem postos de musas da escola em frente às alegorias. Nesse ano estiveram presentes, Andréa Andrade, Dandara (da comunidade), Gabriela Alves, Quitéria Chagas, Bianca Salgueiro, entre outras. Existe também o posto de maior prestígio: Rainha de Bateria. Sabrina Sato foi a rainha de bateria da Vila Isabel em 2013 e entrou no reinado em 2011, durante o concurso de escolha de samba. Wilson Alves - ex-presidente da Vila (2011-2014) - comentou o convite à Sabrina:

Ela é um amor de pessoa. Uma grande surpresa pra mim. Muito querida e simpática. A Sabrina tem um carisma próprio. Tem um milhão e meio de seguidores no *Twitter*. É uma máquina de mídia espontânea. Essa gestão empresarial que estamos implementando na escola passa por isso. Para trazer alguém que não seja da comunidade, essa pessoa precisa ser carismática, bonita e comunicativa. Acho que a Vila precisava de uma artista que gerasse mais mídia. Por isso, convidamos outros artistas pra desfilarem na escola, nunca descaracterizando a nossa comunidade. A Sabrina vai continuar na escola. ALVES (2014 apud VARELA, 2015, p. 151)

De acordo com a fala de Wilson Alves, o interesse da administração em convidar Sabrina Sato para o posto de rainha tem relação com o fato dela ser uma figura carismática e midiática, ou seja, as escolas de samba também procuram atrair visibilidade com os postos dedicados às celebridades. "É claro que esta relação entre celebridades e escolas de samba não é unilateral. Da mesma forma que estrelas se aproximaram das agremiações em busca de visibilidade nos meios de comunicação, as escolas de samba passaram a abrigar famosos pela mesma razão" (VALENÇA, 2003, p. 36).

O posto de Rainha de Bateria surgiu na década de 1980. No início, muitos postos eram dedicados exclusivamente às passistas da comunidade. Na Vila Isabel em 1988, existia a rainha Vatusi de Castro, vinda do morro dos Macacos. Com o passar dos anos, os postos cada vez mais foram ocupados por celebridades. Na contemporaneidade, raras escolas mais tradicionais ainda dedicam Rainha de Bateria para mulheres de sua comunidade.

A transmissão do desfile da Vila Isabel 2013 pela Rede Globo demonstrou a consolidação do modelo não-linear até a escola de samba chegar à metade da Passarela e o modelo linear durante grande parte do desfile. Ou seja, nos primeiros vinte minutos, imagens de diferentes figuras que por si sós têm alto valor simbólico alternadas com entrevistas na concentração e nas arquibancadas; no restante, imagens de ala a ala, carro por carro e narração do enredo. Então, a transmissão ganhou características mistas dos dois modelos distintos.

Outras mudanças significativas também foram percebidas no formato de transmissão dos desfiles, como o reforço da integração entre o setor de entretenimento e o de jornalismo da Globo. Com isso, foram realizadas muitas entradas ao vivo de repórteres espalhados na concentração, dispersão e Passarela para mostrar os detalhes do carnaval, os erros, os problemas, as curiosidades e dificuldades enfrentadas ao longo dos desfiles. A participação de casting da Globo como comentaristas ou narradores do espetáculo em um grande estúdio montado na Apoteose e outro na esquina da concentração, em frente ao setor 1. Também houve efeitos visuais e geradores de caracteres, mostrando os principais patrocinadores do carnaval da emissora, ficha técnica e samba-enredo das escolas. Devido aos novos tempos de internet, passou a existir uma preocupação maior com a interatividade dos telespectadores, mostrando vídeos, comentários por mensagens SMS ou pelas redes sociais a partir das hashtags, tudo produzido por eles ao longo da transmissão. Com exceção das entrevistas na Passarela, ficha técnica e letra dos sambas, todas essas mudanças não existiam nas transmissões de 1980, nem 1988. Foram feitas para chamar a atenção dos telespectadores e se adaptar às escolas também:

A análise das relações entre as escolas de samba e a televisão nos mostra, portanto, que não apenas a TV teve de buscar uma nova fórmula para transmitir o desfile. Ao longo destes mais de trinta anos de parceria, as escolas de samba também tiveram de buscar uma adequação ao meio, para se tornarem um produto ainda mais interessante para aqueles que acompanham o espetáculo através da tela. (VALENÇA, 2003, p. 36)

A imprensa de um modo geral recebeu muito bem o desfile da Unidos de Vila Isabel em 2013. Destacou, principalmente, o samba-enredo como grande propulsor da vitória da escola recuperada, durante apuração, em cima desse quesito. Outros pontos destacados foram a coreografia de *arraiá* na bateria, criada por Carlinhos de Jesus, o canto forte da escola, a recepção calorosa do público presente no Sambódromo e o bom gosto da simplicidade, sem gigantismo como o da Beija-Flor – vice-campeã desse ano -, no trabalho de Rosa Magalhães. O desfile foi descrito, por Rafael Galdo do jornal *O Globo*, como um caminho novo para os atuais tempos de desfiles pasteurizados em enredos e sambas:

Ganhou mesmo o samba! Com a força da composição de Martinho e Tunico da Vila, Arlindo Cruz, André Diniz e Leonel, a Unidos de Vila Isabel conquistou seu terceiro título da história. E comprovou que, quando a trilha sonora de um desfile faz jus às melhores tradições do carnaval, toda a escola pode ser contagiada e influenciar o crescimento

de outros quesitos, como evolução e harmonia. A campeã de 2013 brincou na avenida. E contava ainda na concepção plástica com o talento de Rosa Magalhães, que venceu seu oitavo título, mas que não era campeã desde 2001, na Imperatriz Leopoldinense. Assim, a Vila abriu vantagem para as demais agremiações. E, mesmo com enredo patrocinado, mas sem se referir diretamente a seu "mecenas", talvez tenha apontado um rumo para um carnaval de enredos e sambas cada vez mais pasteurizados. (GALDO, 2013)⁴⁷

Portanto, a Unidos de Vila Isabel mais uma vez conseguiu um título, o seu terceiro, com um desfile adaptado aos tempos contemporâneos e às mudanças ocorridas no mundo das escolas de samba, porém sem deixar de lado suas tradições, o valor do enredo, do samba e a garra de sua comunidade para ser campeã na elite do carnaval carioca. O saldo foi muito positivo para a escola do bairro de Noel: campeonato de 2013 pelos jurados da LIESA, aclamação pública pelas arquibancadas e imprensa de melhor do ano, diversos prêmios incluindo os Estandartes de Ouro de melhor samba e passista feminina com Kelly Amaral. Foi uma importante vitória do samba diante todas as mudanças pelas quais as escolas passaram, transformando-as em espetáculo midiático.

⁴⁷ Retirada de matéria *O povo do samba venceu* publicada na página 8, do Primeiro caderno, editoria Rio, em 14 fev. 2013, na edição matutina do jornal *O Globo*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oriundas de um estilo musical afro-brasileiro que nasceu nas bases sociais do antigo Rio de Janeiro, capital da recente República até então, as escolas de samba são instituições da cultura popular brasileira que contêm elementos tradicionais desde seus primórdios. São pertencentes à cultura por terem uma rede de relações e sentidos próprios que dão sustentação para um modo de ver o mundo, por serem produzidas por homens e para os homens. São populares por nascerem dos batuques de resistência dos africanos que foram escravizados no Brasil do Novo Mundo, por serem espaços de luta entre os blocos de poder e as forças populares segundo Hall (2013), por serem criadas com os laços formados na Casa de Tia Ciata até se engrandecerem indo às ruas. Isso tudo permitiu uma dinâmica cultural que as transformassem em espaços cada vez mais atrativos e agregadores da lógica social do país.

Ao longo das décadas, as escolas de samba sempre incluíram grupos sociais com um mesmo objetivo e interesse: brincar carnaval sem se preocupar com o amanhã durante os dias da festa momesca que atrai milhares de participantes. A lógica da inversão do carnaval acabou reforçando os laços entre os membros desses distintos grupos e tornando as escolas de samba agremiações que competissem entre si, mesmo sendo consideradas co-irmãs baseadas na harmonia e intimidade da *casa* - no sentido antropológico dado por DaMatta (1981) - tão ampliada por elas para a *rua*, espaço característico do carnaval.

Nessas relações e integrações, os meios de comunicação se interessaram pela consolidação dos desfiles, o poder público referendou as escolas como agremiações e o povo aos poucos se libertou dos sentimentos de repressão e medo para sambar com maestria, construindo uma identidade cultural na região. Depois aconteceu a entrada cada vez maior da lógica da Indústria Cultural, com o objetivo de transformar o entretenimento - a recreação dessas novas agremiações - em elemento articulado com a imprensa, com o rádio, com a indústria fonográfica e por último com a televisão. Ao imergir ainda mais nessa lógica, as escolas de samba aos poucos foram sendo vistas como espaço midiático, de grande visibilidade que chamou a atenção de muitos setores sociais que ainda não as conheciam.

A partir daí se deu o processo de espetacularização. As escolas de samba ficaram grandiosas e aquilo que era apenas uma identidade cultural regional passou a ser identidade cultural brasileira reconhecida Brasil e mundo a fora devido ao fato da cidade do Rio de Janeiro ser um dos principais centros do país e pelas imagens, sons e notícias divulgadas pela mídia apresentarem peculiaridades dos desfiles, das agremiações e do ritmo tão marcante de

marcação sincopada do samba. Muitas pessoas criaram interesse em assistir aos desfiles, ocasionando venda de ingressos das arquibancadas e aumento nas receitas das escolas. Como vimos neste trabalho, o mundo do jogo do bicho se tornou mecenas da maioria das escolas com o objetivo de ganhar prestígio e domínio sobre as comunidades que bancava. Mas também os vultuosos empréstimos desses banqueiros do jogo de azar deram às escolas ainda mais condições de ampliar suas receitas a fim de investirem em carnavais com fantasias e alegorias luxuosas, coloridas para serem consagradas como campeãs.

As escolas de samba se popularizaram. Todo ano, durante o período carnavalesco, os olhos do Brasil e do mundo estiveram voltados aos desfiles. O Sambódromo foi construído como presente e estrutura para que as escolas abrigassem e engradecessem ainda mais eles. Carros alegóricos e fantasias se tornaram ainda maiores, ainda mais luxuosos e ganharam relevância para os espectadores da Sapucaí que passaram a ser abrigados em arquibancadas fixas muito mais altas que as montáveis. As transmissões televisivas conseguiram se adaptar melhor com as novas condições estruturais dos desfiles. As agremiações do principal grupo também se organizaram e fundaram uma Liga que respondesse primeiramente pelas questões administrativas e financeiras e, alguns anos mais tarde, por questões artísticas e de julgamento.

Na dinâmica desenfreada de inserção de uma manifestação da cultura popular na lógica do espetáculo midiático, as escolas de samba buscaram novas alternativas para engrandecerem e aumentarem suas receitas tornando o enredo a principal moeda de troca para divulgação de ideias e valores num espaço midiático de mais de uma hora assistido por bilhões de pessoas ao redor do mundo. Os desfiles ganharam novos contornos e muitos elementos vistos como tradicionais tiveram que se adaptar aos novos tempos. Houve também uma preocupação das escolas em seguir a linguagem televisiva, inserindo os componentes de alas, alegorias, comissões de frente em coreografias para causar efeitos nunca vistos antes. Paulo Barros e seu carro do DNA, além de outras invenções, são expoentes da contemporânea extrema facilidade de enredos, criatividade e utilização de diferentes materiais, sambas mais descritivos, mini-shows dentro dos desfiles, etc.

A partir de todas essas mudanças é possível inferirmos que as escolas de samba sempre foram ou são dinâmicas, conseguindo congregiar os mais distintos setores, adaptar-se aos contextos de cada década e se popularizar em todo o mundo. O fato de serem dinâmicas não as colocam fora do âmbito da cultura popular, pois a participação, integração e interesse do povo ainda estão presentes em sua composição histórica, cultural e social. As escolas de

samba e seus desfiles podem ser vistos como instituições e manifestações culturais, respectivamente, que ao mesmo tempo têm caráter espetacular, midiático e publicitário.

Nessa dinâmica, os meios de comunicação – impresso, rádio, televisão e atualmente a internet - negociaram seus interesses com os das escolas para que os desfiles chegassem a ser o que são hoje. Vale destacar que os dois lados dessa relação recíproca se influenciam: enquanto um se adapta às mudanças, o outro também corre atrás para continuar interagindo.

A Unidos de Vila Isabel, como vimos ao longo dos capítulos 3 e 4 desse trabalho, é um ótimo exemplo de como sua história reflete bastante todo o contexto de transformações dos desfiles e das escolas de samba, mesmo com suas particularidades. A escola azul-e-branco nasceu nas ruas, fundada em cima de laços familiares e vínculos de amizade, no boêmio bairro de Noel Rosa - o sambista que uniu o morro com o asfalto. E é assim que os membros da comunidade de Vila Isabel interagem: integração entre moradores do bairro e dos morros dos Macacos e Pau da Bandeira. Uma comunidade aguerrida que serviu de alicerce para o crescimento e consolidação da escola entre as grandes do carnaval.

A Vila Isabel se tornou uma escola tradicional com vários desfiles memoráveis, como *Sonho de um sonho* (1980), *Raízes* (1987), *Kizomba* (1988), *Gbalá* (1993), *A Vila é Parati* (2004), *Soy loco por ti América* (2006), *A Centenária Maravilha* (2009), *Semba de lá que eu sambo de cá* (2012), *A Vila canta o Brasil, celeiro do Mundo* (2013); e outros que até revolucionaram a estética do carnaval ou promoveram resgate da valorização do canto e da dança diante o domínio dos quesitos visuais. Uma escola com ala de compositores consagrada que criou obras muito elogiadas e modificadoras do formato e conteúdo do subgênero samba-enredo ao apostarem na disposição e simplicidade poética dos versos, além da suavidade melódica. Uma escola que foi e é um espaço de disputas político-administrativas muito intensas, alternando ótimos momentos e outros de difícil resolução. Uma escola que ganhou uma sede definitiva, passou a ser respeitada, introduziu noções racionais de administração que, aos poucos, lhe deram força dentro da LIESA, principalmente depois de 2005, ano de sua volta ao especial e da entrada definitiva de Moisés, entre tantas outras coisas.

Portanto, podemos concluir que a Unidos de Vila Isabel, assim como a maioria das escolas de samba, é um espaço de raízes na cultura popular que interage e interagiu com diferentes setores ou grupos sociais, além dos meios de comunicação, com os quais se influenciam reciprocamente transformando sua dinâmica cultural em um verdadeiro espetáculo midiático, com shows dos quesitos visuais ou com a valorização dos quesitos de "chão", uma de suas principais marcas.

Vale registrar, como sugestão para as futuras pesquisas que tratarão de temáticas iguais às deste trabalho, que será importante acompanharmos as mudanças que ocorrerão nas relações entre mídia e cultura popular, ou mais especificamente entre mídia e escolas de samba, nessa dinâmica cultural contemporânea diante inúmeras e velozes inovações nos processos comunicacionais, graças ao surgimento de novas tecnologias. Hoje, por exemplo, já se vê muitos casos ou pesquisas e dados que comprovam uma dissipação no número de telespectadores devido à maior concorrência da TV com outras plataformas de interação e conteúdos de entretenimento - como sites de vídeo na internet, provedor de audiovisual via streaming, jogos, etc. É o sinal de novos tempos que poderão ser um divisor de águas nas relações entre meios de comunicação e expressões ou manifestações da cultura popular.

6 ANEXO I – FICHAS TÉCNICAS

QUADRO 1 – FICHA TÉCNICA DO DESFILE *SONHO DE UM SONHO*

| Unidos de Vila Isabel 1980 | |
|-----------------------------------|--------------------------------------|
| Presidente | Paulo Gomes de Aquino (Paulo Brasão) |
| Carnavalescos | Fernando Costa e Sílvio Cunha |
| Puxadores | Marcos Moran e Zé Carlos |
| Nº de alas | 43 |
| Nº de componentes | Entre 2800 e 3500 |

Quadro com as informações técnicas da Unidos de Vila Isabel para o carnaval de 1980 que levou para Av. Marquês de Sapucaí o enredo *Sonho de um Sonho*. As informações contidas nele foram encontradas na matéria do Jornal O Globo, intitulada *Império Serrano abre às 19h o desfile do samba*, presente na página 12 do Primeiro Caderno, editoria Rio, na edição matutina de 17 fev. 1980; no site Galeria do Samba a partir do link <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1980/11/>>; e também no vídeo de parte da transmissão do desfile disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FMvVUoVz3TY>>.

QUADRO 2 – FICHA TÉCNICA DO DESFILE *KIZOMBA, FESTA DA RAÇA*

| Unidos de Vila Isabel 1988 | |
|-----------------------------------|--|
| Presidente | Lúcia Maria Maciel Caniné (Ruça) |
| Carnavalescos | Milton Siqueira, Paulo César Cardoso e Ilvamar Magalhães |
| Intérpretes (Puxadores) | Gera e Jorge Tropical |
| Diretor de Carnaval | Martinho da Vila |
| Diretor de Harmonia | Jaiminho Harmonia |
| Diretor de Bateria | Mestre Amadeu Amaral (Mug) |
| Nº de alas | 33 |
| Nº de alegorias | 18 |
| Nº de componentes | 3000 |

Quadro com as informações técnicas da Unidos de Vila Isabel para o carnaval de 1988 que levou para Passarela do Samba o enredo *Kizomba, Festa da Raça*. As informações contidas nele foram encontradas no site Galeria do Samba, a partir do link <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1988/11/>>; e também no vídeo com a transmissão na íntegra do desfile disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=X1DBnHN8Lqc>>.

QUADRO 3 – FICHA TÉCNICA DO DESFILE *A VILA CANTA O BRASIL, CELEIRO DO MUNDO*

| Unidos de Vila Isabel 2013 | |
|-----------------------------------|---|
| Presidente | Wilson da Silva Alves (Wilsinho) |
| Carnavalesca | Rosa Magalhães |
| Intérprete | Anderson Antônio dos Santos (Tinga) |
| Diretores de Carnaval | Wilson Alves, Junior Schall, Décio Bastos e Evandro Bocão |

| | |
|-----------------------------|---------------------------|
| Diretor de Harmonia | Décio Bastos |
| Diretores de Bateria | Mestres Paulinho e Wallan |
| Nº de alas | 31 alas |
| Nº de alegorias | 7 carros e 2 tripés |
| Nº de componentes | 3700 componentes |

Quadro com as informações técnicas da Unidos de Vila Isabel para o carnaval de 2013 que levou para Passarela do Samba o enredo *A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo - Água no feijão que chegou mais um*. As informações contidas nele foram encontradas no site Galeria do Samba, a partir do link <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/2013/11/>> e também no vídeo com a transmissão na íntegra do desfile disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ACK7leVArKw>>.

7 APÊNDICE I - AMADEU AMARAL

Entrevista realizada com mestre Amadeu Amaral, também conhecido por Mug, em sua própria residência situada em Vila Isabel, na tarde de domingo - dia 03 de julho de 2016. Com quase 4 décadas de Unidos de Vila Isabel, mestre Mug comandou a bateria da escola entre 1988 e 2009 com muitas notas 10 e 3 Estandartes de Ouro – dois como diretor auxiliar do mestre Ernesto e um sob seu comando. Atualmente é presidente de honra da bateria *Swingueira de Noel* e baluarte da escola.

Como foi seu primeiro contato com a Unidos de Vila Isabel?

Eu morava em Pilares. Aí vi um desfile da Vila, em 1966, "Ciranda, cirandinha". Aí eu me amarrei na Vila Isabel. Minha irmã morava aqui no Morro dos Macacos e eu vim morar com ela. Eu nem era muito chegado à samba. Eu gostava de tocar uma corimba, uma umbanda, uma angola. Quando foi o "Cais dourado", eu gostei muito do samba. Mas pra sair na bateria tinha que tocar xangô... Na comunidade, na minha época era pesado pra sair na escola. Eu bati uma bolinha, joguei no time lá do morro com todo mundo e entrei na escola assim. Quando foi em 1969, desfilei meu primeiro ano. Em 1972, eu passei a ser diretor. Mas não era o primeiro.

Antes do senhor, tinha o mestre Ernesto. O senhor aprendeu com ele?

Não aprendi com ele. Já entrei meio "cobra criada", né?! Eu morava em Pilares e aprendi a tocar lá. Vim pra cá já sabendo tocar. Mas eu trabalhei uns 15 a 20 anos com mestre Ernesto. Aí quando foi em 1987 (inaudível) ... Tinha o meu compadre falecido "Baíco", aí eu falei pra ele assim: "Oh bicho, não vou mais ficar andando contigo porque minha vida é outra". Aí ele falou: "Então tu vai assumir a bateria lá embaixo". Quando foi em 1988, assumi mesmo como mestre sozinho.

Antes de assumir sozinho a bateria, era sempre o senhor com outra pessoa?

Sim, sempre com o mestre Ernesto. Trabalhei mais de 15 anos com ele. Ganhei dois Estandartes de Ouro com ele e ganhei um sozinho. Com ele, foi em 1979 e 1981. Sozinho foi em 1988. Aí criou a bola, né?! Mestre Mug, mestre Mug, aí fui remando... Nunca dei trabalho

pra escola, nunca ganhei pra dinheiro. É um negócio que eu gosto. Meu trabalho é esse... Aí a gente vai remando.

Como baluarte da escola, o senhor já passou por diferentes situações. Qual foi o pior momento e o melhor?

Nunca tive melhor. Comecei a receber um dinheiro legal agora de 2006 pra cá. Antigamente era mil reais, a escola não tinha condições de me pagar... Assumi a escola quando ela estava na rua. Quando o Moisés assumiu a escola, eu passei a ter uma renda melhor. Mas fui carregando a escola. E de lá pra cá, de vez em quando tá entrando. Às vezes não entra nenhum. (risos) Fizeram um trato comigo e não estão me pagando. Entrei na justiça e fiz um bom-bom-bom e retirei. Fiz um acordo com eles e me deram a volta. Agora estou aí nesse sofrimento, mas isso aí é rotina.

O senhor chegou a trabalhar muito anos sem salário ou alguma renda pela escola, não? Tudo por amor?

Trabalhei mais de 20 anos sem salário. Tudo por amor. Mas na época era melhor de arranjar dinheiro porque a escola tinha barraquinhas... As alas tinham direito de botar as barracas pra vender. Então, "nego" vendia cerveja da escola e colocava por fora pra arrumar um dinheiro. Ernesto vendia umas duzentas caixas de cerveja e me dava a pinga gota. Mas sempre deixei pra Deus... Gosto da minha escola. Dinheiro... eu "pulei fogueira".

Na sua opinião, a Vila Isabel é uma escola considerada tradicional ou de vanguarda?

Pra mim é tradicional. Agora ela tá meio estranha. Mas a minha escola era aquela que tu... podia tá lá na Praça 7, tocasse assim, tu reconhecia que era Vila Isabel. No momento, não está nesse ponto. Inclusive, eu fui entrevistado no carnaval, aí o repórter me perguntou: "- Mestre Mug, seu sobrinho está na frente da bateria. Como está você e ele?" Aí eu falei: "- Bom, comigo e ele está tudo certo. Sendo que a bateria não é a mesma coisa de quando era comigo". Isso deu um problema ferrado... Eu nem comento muito negócio de bateria porque depois... Mas agora é tudo a mesma coisa. Antigamente, a gente conhecia o Salgueiro... Sua cadência. Agora não, tudo macaco imitador. No meu tempo, não tinha isso não.

Por que o senhor acha que está ficando assim tudo tão igual?

É o que estou te falando. As coisas vão mudando... Eu peguei uma época, peguei o Valdinero da Mangueira, peguei Mestre Marçal da Portela, peguei o Mestre André da Mocidade. Sou um cara que já vim com um passado. E agora a maioria dos diretores de bateria são tudo moleque novo. Pra mim, não é mestre, são diretores. Mestre é eu, Odilon, Paulinho que faz tudo na escola. Agora tá assim, os moleques novos estão mudando, mas eles não fazem o que nós fizemos... Agora bateria não tem... Antigamente, tinha uma característica própria. Agora faz uma paradinha outro quer fazer, faz uma virada outro vira ali. Nunca vão chegar...

A Vila Isabel é uma escola que já passou por alguns momentos conturbados administrativamente. O senhor concorda com esta afirmação? Por quê?

Eu tive bons presidentes na época em que não ganhava nada, mas eu não tinha nome. Agora no momento eu nem gosto de falar com esses caras. Bicheiro gosta de manda matar os outros. Eu não gosto dessas paradas. Eles lá, eu cá. Mas agora parece que o momento não é muito igual a antigamente, não. Conheci bons presidentes: Cornélio Capelete, seu Djalma Cachimbo, falecido Ducre, falecida Pilde... Tudo gente fina, trato bem. Antigamente era mais amor. Agora mestre-sala ganha dinheiro, mestre de bateria ganha dinheiro... Antigamente era o amor.

O senhor considera essas mudanças boas ou ruins?

Agora você me pegou! (risos) Muitas coisas mudaram, cara... Conheci uma harmonia boa, conheci uma ala de compositores... Uma das melhores alas de compositores era da Vila Isabel. Antes do samba-enredo, tinha o concurso de samba-de-quadra. Se alguém quisesse entrar na Vila, tinha que fazer um nome falando sobre Vila Isabel, Noel... Chega lá, paga uma taxa, escreve... Entendeu?!

Meu TCC vai fazer uma análise de três desfiles da Vila Isabel: "Sonho de um Sonho" (1980), "Kizomba" (1988) e "Festa no Arraiá" (2013). O senhor pode falar um pouco desses três carnavais?

Bom, eu posso falar mais de 1988. Tive sorte na vida de assumir a bateria numa época boa, nos 100 anos de abolição. Fui lá pra baixo desacreditado porque não era ninguém. Ninguém me conhecia. A gente estava na rua, sem quadra, aí fomos lá pra baixo. Quem é mestre Mug? Ninguém conhecia mestre Mug. O samba era um samba que parecia que não ia crescer... Aí chegou na avenida... A gente teve sorte! Ganhou estandarte de ouro, fizemos um bom desfile, fomos a melhor escola... Então, pra mim, esse foi o melhor desfile, o melhor carnaval da Vila Isabel. Até agora 1988... Sendo que 2013 também foi um desfile legal, mas não igual a 1988.

A Vila Isabel sempre teve muitos problemas com quadra, lugares de ensaio. Como o senhor via ou vê essa questão?

Eu gostava quando era pobre que não tinha esse mundo da quadra bonita. Eu gostava mais da quadra quando era caidinha. Porque, antigamente, tu chegava lá meio-dia, ia tá um montão de batedor lá comigo, era churrasqueira, pão com mortadela. Hoje em dia você não curte mais a quadra. Passa lá e sempre fechada. Fizeram uma coisa bonita, mas não dá pra gente curtir. Um ponto daquele está sempre fechado. Antigamente...

8 APÊNDICE II - LUCIANO FERREIRA

Entrevista realizada com Luciano Ferreira em sua própria residência no bairro de Vila Isabel, durante manhã de quarta-feira, dia 13 de julho de 2016. Luciano é torcedor da Unidos de Vila Isabel e trabalhou na escola entre 1997 e 2016. Foi eleito vice-presidente na chapa de Elizabeth Aquino (Dona Beta) em 2014. E, depois da renúncia desta, assumiu e administrou a preparação para o carnaval 2016 com o enredo "Memórias de Pai Arraia – Um sonho pernambucano, um legado brasileiro" que deu o 8º lugar para a Vila Isabel. Em 7 de março de 2016, renunciou à presidência da escola.

Como e quando foi o seu primeiro contato com a Unidos de Vila Isabel?

Eu cheguei aqui em Vila Isabel quando o meu tio - irmão de minha mãe - me apresentou Evandro Bocão em final de 1996. Comecei trabalhando na escola como *office boy*. O meu primeiro contato na Vila foi o falecido Jorge Braz. Na época, precisava trabalhar e ele me colocou como *office boy* na Vila, em 1997, na presidência de seu Olício Alves dos Santos. De lá, estou na Vila até hoje.

Nesses vários anos de escola, como componente, qual foi o pior ano ou o período de maior dificuldade na sua opinião?

O período mais difícil foi quando a escola foi rebaixada em 2000, quando veio falando dos 500 anos do Brasil. Foi o pior momento porque ela amargou 4 anos no grupo de acesso. Foi muito difícil até a gente conseguir realmente levar a escola de volta ao grupo especial. Mas uma escola que está muitos anos no grupo especial e desce para o acesso... É muito ruim para a escola porque a estrutura é outra, ruim pro componente porque escola de samba é um sentimento incondicional. Você não consegue medir é uma coisa que não sei... Não sei explicar. Então foi o pior momento.

Na sua opinião, o que pode ter levado a escola a ser rebaixada em 2000?

A Vila Isabel estava há vários anos vindo de 11º, 12º... E acaba que... Não vou falar que é administração que o presidente é até meu amigo, mas realmente teve alguns erros relacionados à administração que acabaram levando a escola a amargar o acesso.

E o período ou ano mais glorioso?

Pra mim, o mais glorioso foi em 2004 quando a gente voltou ao grupo especial. Porque eu era secretário do Evandro Bocão, nosso presidente, e ali realmente foi a garra, a união... Foi todo mundo num mesmo ideal para que a Vila fizesse um desfile emocionante, maravilhoso, que levou de volta ao grupo especial. Então, na minha opinião, foi em 2004.

E teve também um ano que a Vila foi bem no acesso e quase conseguiu voltar ao especial. Só que por problemas de justiça acabou não voltando...

A Vila no ano de Nilton Santos [2002] fez um carnaval maravilhoso. O carnavalesco era o João Luís de Moura, o presidente era o Olício em seu último ano de mandato. Eu trabalhava na escola... [A Vila] Fez um carnaval maravilhoso. Só que infelizmente por coisas do carnaval e da justiça, a escola permaneceu no grupo de acesso.

E nesses quase vinte anos de Vila Isabel, quais foram as principais mudanças que você viu dentro da escola?

A principal mudança foi a vinda de Moisés que foi um presidente muito importante pra Vila Isabel porque ele deu uma cara nova. Precisava, naquele momento, de um gestor que mudasse o rumo da Vila Isabel. E ele foi o responsável pela mudança da escola. Ele fez uma transformação administrativa na escola. Fez belos carnavais... Iniciou com *Singrando os Mares* [2005], no qual o Bocão era o presidente e ele, superintendente. E logo após, no primeiro mandato dele, em 2006, a Vila foi campeã... *Soy loco por ti, América*. Então ele foi muito importante para o crescimento da Vila Isabel. Hoje a Vila é uma escola muito forte dentro do contexto do carnaval, uma das principais agremiações. Só que ela estava desgastada, muito desgastada. Como disse, as administrações, né?! E o Evandro [Bocão]

iniciou o processo de união, de juntar a comunidade, levar a comunidade para assumir responsabilidades porque é muito importante a comunidade estar inserida dentro do desfile. Essa foi até a diferença como presidente... Então, Moisés foi a grande mudança que a escola precisava ter.

E qual foi a mudança, que aconteceu nos últimos anos, que foi negativa pra escola?

Uma mudança que foi... É tão complicado! No administrativo, teve as mudanças que a escola precisava ter... Mas, um ponto negativo não tem! Realmente, não tem.

A Vila Isabel é considerada uma escola tradicional ou de vanguarda?

Tradicional. Como eu acabei de dizer, a Vila está entre as maiores escolas do Rio de Janeiro. Pra mim, a Vila Isabel está ali como Mangueira, Estácio - que é uma das mais antigas -, Portela. Pelos seus nomes que existem na história da escola que foram seu China, que fundou... Seu Paulo Brasão que foi um grande compositor. É... seu Pandeirinho, dona Sirene, seu Rodolpho de Souza. Escolas, pra mim, que são tradicionais são aquelas que têm história pra contar. E a Vila Isabel tem. Tem pessoas que são importantes para história da escola, podem até não ser valorizadas... Assim, acho que o departamento cultural da Vila está fazendo um bom trabalho para que isso seja realmente reconhecido. Mas eu considero a Vila Isabel uma escola tradicional porque tem história pra contar.

Nos dois anos de experiência como vice-presidente e presidente, quais foram os principais desafios que você enfrentou?

Como vice-presidente, não foi nem tanto porque não tem autonomia pra tomar decisões. A presidente [Dona Beta] é uma grande amiga e me escolheu dentro de um grupo para disputar as eleições na escola, pelo meu contato com a comunidade, por ser uma pessoa bem querida dentro do bairro... Mas o vice-presidente não tem poder de decisões dentro de uma agremiação. E aí quando me tornei presidente, eu pude implantar as coisas que eu achava necessário... Como vice-presidente você pode até conversar com o presidente, mas ele tem opinião diferente. Isso aconteceu comigo quando presidente... Que algumas pessoas chegavam até mim, falavam coisas pra eu decidir o que fazer e eu decidia o que eu achava o

que era pra fazer. Eu pude fazer os ensaio dentro da comunidade que foi essencial pra trazer aquele povo que é realmente a raiz da escola. A Vila Isabel, como Mangueira, são escolas de comunidade. Não tem como separar a Vila Isabel de sua comunidade. Então, eu junto com Evandro [Bocão] fizemos ensaios dentro da comunidade que foram um sucesso. Foi elogiado pela imprensa, pelos próprios componentes da escola, porque a gente deu responsabilidade para as pessoas poderem enfrentar esse desafio junto com a gente. Eu peguei a escola completamente arrasada politicamente, administrativamente... Apanhei muito! Acredito que, dentre os presidentes da Vila Isabel, eu fui o que mais apanhei por ser novo...

Apanhou no sentido de ouvir muita coisa?

Sim. As pessoas omitem suas opiniões sem saber o que acontece na realidade da administração. Peguei a escola numa briga política enorme. Eram dois grandões [bicheiros] querendo a administração da escola. Uma briga política muito, muito grande. A situação financeira da Vila, horrorosa. Pipocando várias situações na justiça que vieram de trás. E uma quadra interdita. Agora você imagina... Eu tinha a experiência porque eu passei por Olício, Bocão, Moisés, Wilsinho e Beta... Eu tive cinco presidentes com quem trabalhei diretamente. Então eu aprendi, lógico que aprendi. Mas a experiência de estar à frente da agremiação é um desafio muito grande. Só que eu sou guerreiro, muito guerreiro. Não tive medo! Abracei mesmo apanhando, mesmo vendo as pessoas todos os dias dizendo que a Vila iria ser rebaixada... Muitos comentários negativos, muita força negativa pra que tudo desse errado, mas tive companheiros que encontrei, que compraram barulho junto comigo por um ideal. Isso é importante numa escola de samba que está passando por problemas. Quando ela está no auge, é tudo muito mais fácil. Mas quando ela está com problemas o importante é você não ter vaidades. E isso eu nunca tive. Os componentes gostam de abraçar o presidente, falar com ele e omitir opiniões... E eu estive presente em todos esses sentidos dentro da escola nesses nove meses em que fui presidente da Vila. E conseguimos. Mostramos na avenida... Só Deus sabe o que a gente passou durante esses nove meses. Pra botar o carnaval na rua. Perdi um grande amigo que fazia parte da nossa estrutura, que foi o Leonel. Quer dizer, menos um no grupo, mas conseguimos. Tiramos a Vila Isabel de 11º e colocamos em 8º lugar e com toda a imprensa falando que a gente deveria voltar nas campeãs. Então eu tenho o maior orgulho. Na minha entrevista que eu dei na Marquês de Sapucaí após apuração, eu disse que demos um tapa sem mão na cara das pessoas que duvidaram.

9 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-140.

ALBUQUERQUE, João Luiz de. Vila Isabel sai da avenida para entrar... **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1988. Primeiro Caderno -Rio. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=1&ordenacaoData=relevancia&allwords=vila+isabel&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1988&mesSelecionado=2>>. Acesso em 10 jul. 2016.

AMARAL, **Amadeu**. Entrevista concedida a Daniel Silva em 02 jul. 2016. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2016.

CARNAVAL COMPLETO VILA ISABEL 1980 (ENREDO: SONHO DE UM SONHO). Rio de Janeiro: TV Globo, 1980. 9min, son., color, tela cheia (1.33:1). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FMvVUoVz3TY>>. Acesso em 09 jul. 2016.

CARNAVAL COMPLETO 2013 (COM NARRAÇÃO) VILA ISABEL 2013. Rio de Janeiro: TV Globo, 2013, 82min, son., color, widescreen (1.85:1). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ACK7leVArKw>>. Acesso em 11 jul. 2016.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Funarte/UFRJ, 1994.

CIDADE DO SAMBA. **Sonho vira realidade**. Disponível em <<http://cidadedosambarj.globo.com>>. Acesso em 06 jun. 2016.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: uma sociologia para o dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FABATO, Fábio. et al. **As Titias da Folia**: O brilho maduro de escolas de samba de alta idade. Rio de Janeiro: Novaterra, 2014.

FERNANDES, Angélica. Dívidas destronam clã dos Alves na Vila Isabel. **O Dia na Folia**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2014. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2014-04-15/dividas-destronam-cla-dos-alves-na-vila-isabel.html>>. Acesso em 06 jul. 2016.

FERREIRA, Luciano. Entrevista concedida a Daniel Silva em 13 jul. 2016. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2016.

FREITAS, Luana; REZENDE, Sidney. Moisés confirma que é candidato à presidência da Vila Isabel. **SRZD-Carnaval**, Rio de Janeiro, 11 mar. 2014. Disponível em <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/226064+exclusivo+moises+alves+confirma+que+e+candidato+a+presidencia+da+vila+isabel>>. Acesso em 06 jul. 2016.

GALDO, Rafael. O povo do samba venceu. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 fev. 2013. Primeiro Caderno – Rio. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=vila+isabel&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=2010&anoSelecionado=2013&mesSelecionado=2>>. Acesso em 13 jul. 2016.

GALERIA DO SAMBA. Carnaval 1980 - Sonho de um Sonho. **Galeria do Samba**, Carnavais, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1980/11/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

GALERIA DO SAMBA. Carnaval 1988 - Kizomba, Festa da Raça. **Galeria do Samba**, Carnavais, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/1988/11/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

GALERIA DO SAMBA. Carnaval 2013 – A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo - Água no feijão que chegou mais um. **Galeria do Samba**, Carnavais, Rio de Janeiro. Disponível em

<<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-de-vila-isabel/2013/11/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". In: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora** - identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

JOÃO, Alberto et al. **SRZD-Carnaval**, Rio de Janeiro, 23 fev. 2009. Vila faz o melhor desfile de domingo. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/31141>>. Acesso em 06 jul. 2016.

LIESA. **Fundação**. Disponível em <liesa.globo.com>. Acesso em 05 jun. 2016.

MOURA, Roberto M. **No princípio, era a roda**: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

O GLOBO. Comemoração começa com Estandarte. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1988. Primeiro Caderno - Rio. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=1&ordenacaoData=relevancia&allwords=vila+isabel&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1988&mesSelecionado=2>>. Acesso em 11 jul. 2016.

O GLOBO. Império Serrano abre às 19h o desfile do samba. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1980. Primeiro Caderno - Rio. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019800217>>. Acesso em 09 jul. 2016.

O GLOBO. O samba-enredo da Vila: Para sonhar e cantar. E não para explicar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1980. Cultura. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=vila+isabel&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1980&mesSelecionado=2&diaSelecionado=16>>. Acesso em 09 jul. 2016.

O GLOBO. No velho Boulevard, a festa da vitória. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1988. Primeiro Caderno – Rio. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=1&ordenacaoData=relevancia&allwords=vila+isabel&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1988&mesSelecionado=2>>. Acesso em 11 jul. 2016.

SILVA, Eduardo Pires Nunes da. **Azul celeste em vermelho: o projeto carnavalesco de Martinho e Ruça na Unidos de Vila Isabel entre 1988 e 1990**. 122f. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SRZD-CARNAVALESCO. Mocidade e Mangueira emocionam, mas Grande Rio é o destaque de segunda. **SRZD-Carnaval**, Rio de Janeiro, 16 fev. 2010. Disponível em <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/74612>>. Acesso em 06 jul. 2016.

UNIDOS DE VILA ISABEL. **História**. Disponível em <<http://www.unidosdevilaisabel.com.br/historia>>. Acesso em 22 jun. 2016.

UNIDOS DE VILA ISABEL. **Ex - presidentes**. Disponível em <<http://www.unidosdevilaisabel.com.br/ex-presidentes/>>. Acesso em 22 jun. 2016.

VALENÇA, Inês Teixeira. **O Espetáculo da Tradição: um estudo sobre as escolas de samba e a indústria cultural**. 172f. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VALENTE, Antônio Augusto. Carnaval 2007: 1º dia de desfiles no Rio. **SRZD – Carnaval**, Rio de Janeiro, 19 fev. 2007. Disponível em <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/4570+carnaval+2007+1o+dia+de+desfiles+no+rio>>. Acesso em 06 jul. 2016.

VARELA, Alex. **Arriba Vila! Forte e Unida: Era Vieira Alves (2005-2014)**. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

VILA ISABEL 1988 GLOBO. Rio de Janeiro: TV Globo, 1988. 96min, son., color, tela cheia (1.33:1). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=X1DBnHN8Lqc>>. Acesso 10 jul. 2016.

WERNECK, Antonio. Polícia Federal prende presidente da Unidos de Vila Isabel acusado de integrar máfia dos... **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 abr. 2010. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/policia-federal-prende-presidente-da-unidos-de-vila-isabel-acusado-de-integrar-mafia-dos-3024868#ixzz4DeWVdCkC>>. Acesso em 06 jul. 2016.

WIKIPÉDIA. **Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_das_Escolas_de_Samba_da_Cidade_do_Rio_de_Janeiro>. Acesso em 06 jun. 2016.

WIKIPÉDIA. **Capitão Guimarães**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o_Guimar%C3%A3es>. Acesso em 16 jul. 2016.

WIKIPÉDIA. **Estandarte de Ouro**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estandarte_de_ouro>. Acesso 01 jul. 2016.

WIKIPÉDIA. **Paulo Barros**. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Barros_\(carnavalesco\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Barros_(carnavalesco))>. Acesso em 06 jun. 2016.

WIKIPÉDIA. **Petróleos de Venezuela**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Petr%C3%B3leos_de_Venezuela> e acessado em 05 de jul. 2016.

WIKIPÉDIA. **Riotur**. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Riotur>>. Acesso em 05 jun. 2016.

WIKIPÉDIA. **Unidos de Vila Isabel**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_de_Vila_Isabel>. Acesso em 22 jun. 2016.